

cadernos

IHU

ideias

Câmara Cascudo: um historiador católico

Bruna Rafaela de Lima





cadernos **IHU** ideias

**Câmara Cascudo:
um historiador católico**

Bruna Rafaela de Lima

ano 7 - nº 126 - 2009 - 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 7 – Nº 126 – 2009

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. MS Angélica Massuquetti – Unisinos – Mestre em Economia Rural

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Jacinto Aloisio Schneider

Revisão

Vanessa Alves

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

CÂMARA CASCUDO: UM HISTORIADOR CATÓLICO¹

Bruna Rafaela de Lima

Introdução

“A primeira das virtudes sociais é a Fé. O resto é consequência funcional. Para acreditar é preciso compreender e amarmos com os sentidos do coração”².

Neste texto, além de enfocarmos a religiosidade do historiador potiguar – Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) –, procuramos identificar e analisar as repercussões dos vínculos que manteve com a Igreja Católica em sua produção intelectual.

A epígrafe – extraída do artigo divulgado no jornal *A República*, de 26 de maio de 1959 – revela a percepção que Cascudo tinha – nessa fase de sua vida – sobre fé. Para o ilustre potiguar, a fé deveria ser vivida e sentida pela via dos sentidos, consistindo numa experiência individual, como um ato de amar e de compreender o outro e a si mesmo. Nela, Cascudo deixava claro que atribuía à fé também uma função de responsabilidade social, classificando-a como uma das mais importantes virtudes humanas e sociais.

Em outros momentos de sua vida, Cascudo voltaria a reafirmar sua fé. Em uma entrevista concedida em 1977, afirmou: “Sou católico, fumo e bebo tanto quanto deixam”³, e, em outra, em 1979, declarou que se percebia como “um homem mais de fé do que de culto”, capaz de “recusar a extrema-unção”, mas

1 Mestre em História pela UNISINOS.

2 CASCUDO, Luís da Câmara. Dom Hélder Câmara, o padre Helder. In: _____. **O Livro das velhas figuras**: (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte). Natal, RN: EDUFRRN, 2005. v. 9, p. 121. (publicado originalmente no jornal *A República*, 26 mai. 1959).

3 ANGELO, Assis. O Velho que sabe tudo. Entrevista com Luís da Câmara Cascudo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 jan. 1979. Folhetim. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

empenhado em buscar se “entender pessoalmente com Deus”⁴. Essa última afirmação, que nos sugere um Cascudo avesso à ritualística católica romana, nos instiga a desvendar a constância – ou não – dessa sua postura – percorrendo as várias etapas de sua vida e trajetória como intelectual e reconstituindo os vínculos que manteve com alguns setores e níveis da hierarquia da Igreja Católica em âmbito regional e nacional.

Em muitos de seus escritos, Cascudo explicitou sua fé em Deus e sua devoção aos santos, bem como sua percepção sobre o papel desempenhado pela Igreja e por seus representantes em vários períodos da História do Brasil e, especificamente, do Rio Grande do Norte. Neste capítulo, nos valem de artigos publicados em revistas e em periódicos – eclesiásticos ou não –, plaquetes e passagens de suas principais produções históricas, nos quais Cascudo aborda aspectos da História da Igreja no Rio Grande do Norte, destaca manifestações de religiosidade popular e expõe sua percepção sobre a atuação de autoridades religiosas de sua época, tais como o Arcebispo Dom Hélder Câmara, e, ainda, sobre a formação de paróquias no Rio Grande do Norte⁵.

Serão, também, alvo de nossa atenção, as relações, sobretudo as de amizade, que Cascudo manteve com membros do alto clero, como Dom Marcolino Dantas⁶, personagem emble-

4 CASCUDO, Luís da Câmara. Luís da Câmara Cascudo, 79 anos, surdo e quase cego. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 nov. 1977. Caderno B, p. 4.

5 Referimo-nos ao texto de Cascudo intitulado **Paróquias do Rio Grande do Norte**. CASCUDO, Luís da Câmara Paróquias do Rio Grande do Norte. Natal, RN: Departamento de Imprensa, 1955. Plaquete. Esta revela a incursão que Cascudo fez na historiografia religiosa do Rio Grande do Norte, ao se debruçar sobre o processo de criação das paróquias do estado. Há, também, outra plaquete escrita por ele, e que trata da criação e da história da Paróquia de Nova Cruz no Rio Grande do Norte, tendo sido encomendada a Cascudo por ocasião do aniversário de fundação da Paróquia. Trata-se de Notas para a História da Paróquia de Nova Cruz. CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas para a História da Paróquia de Nova Cruz**. Natal, RN: Arquidiocese de Natal, 1955. Plaquete.

6 Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas foi o 4º Bispo e 1º Arcebispo da Arquidiocese de Natal, esteve a frente do comando do bispado norte-rio-grandense entre 1929 a 1967. Sobre a atuação de Dom Marcolino na Arquidiocese, temos as informações do Pe. Normando Pignataro Delgado (Coordenador da cúria metropolitana de Natal e também membro do IHGRN): “A Arquidiocese de Natal pode ser analisada como uma Igreja particular que teve em dom Marcolino Dantas, o seu 4º Bispo, (1929-1967), o marco divisório entre antes e depois do seu longo governo de 38 anos. A esmerada formação do clero deu a Dom Marcolino o galardão de Grande Bispo de Natal. Construiu o prédio do Seminário de São Pedro, o Dispensário Sinfrônio Barreto, o Santuário de Santa Teresinha, lançou a pedra fundamental da nova Catedral, restaurou o jornal diocesano e criou onze paróquias. Em 1945 comemorou solenemente o Tricentenário do Morticínio de Cunhaú e Uruaçu e, em 1953, Bi-centenário da aparição da imagem de Nossa Senhora do Rosário, no Rio Potengi. Incentivou a realização de Congressos Eucarísticos Paroquiais, como o de Canguaretama, de Currais Novos e de São José de Mipibu. No decorrer deste último, ele ordenou um filho da terra, o mipibuense Manuel Tavares de Araújo, que, de-

mático da Igreja Católica norte-rio-grandense, cujo período de atuação é tido como marco divisório na história da Arquidiocese, e com intelectuais estreitamente vinculados ao mundo católico potiguar, como Otto Guerra⁷, professor da faculdade de Direito da UFRN, jornalista, sócio do IHGRN e imortal da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, uma das personalidades mais influentes no Estado.

Dentre os aspectos que destacaremos da produção histórica de Cascudo está a visão que o historiador tinha sobre a atuação da Companhia de Jesus – e, conseqüentemente, dos missionários, tanto no processo de conquista e colonização da Capitania do Rio Grande quanto na fundação da cidade do Natal –, procurando vinculá-la a sua formação familiar e acadêmica e as suas relações – de amizade ou não – com membros da hierarquia católica nacional e regional.

As mais variadas manifestações de catolicismo presentes na produção cascudiana – e que justificam a denominação de

pois, foi sagrado bispo. No seu governo foram criadas as dioceses de Mossoró e de Caicó. Em 1952, foi criada a Arquidiocese de Natal, que como sede metropolitana, teve por sufragâneas as duas dioceses do Estado”. Disponível no site: <www.arquidiocesedenatal.org.br/arquidiocese/ dommarcolinoesmeraldo>. Acessado em julho de 2008. Dom Marcolino mantinha estreitos laços de amizade com Câmara Cascudo, razão pela qual foi um dos autores imortais da Academia que deixou depoimento sobre Cascudo na Plaquete de homenagem originada de evento na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. LUIZ da Câmara Cascudo (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. Plaquete de Homenagem dos seus amigos, abril de 1947.

- 7 Otto de Brito Guerra foi advogado e jornalista, tendo sido, também, um dos imortais da Academia que escreveu depoimento homenageando Cascudo na Plaquete de homenagem que foi proposta em evento na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. LUIZ da Câmara Cascudo (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. Plaquete de Homenagem dos seus amigos, abril de 1947. Aliado a Cascudo foi um dos fundadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sendo o 1º vice-reitor da Instituição. Como jornalista foi um dos primeiros diretores do Jornal *A Ordem*, jornal que foi o primeiro veículo de informação da Igreja Católica do Rio Grande do Norte: “Nos primeiros anos de funcionamento, **o Jornal era dirigido por um grupo de intelectuais católicos, entre eles: Otto de Brito Guerra, Manuel Rodrigues de Melo e o professor Ulisses de Góis.** Sua sede, onde funcionava a redação e a oficina, ficava situada na Rua Dr. Barata, no Bairro da Ribeira, em Natal”. (grifo nosso). Informações obtidas através do Link. HISTÓRIA do Jornal. *A Ordem*. Disponível em: <<http://www.arquidiocesedenatal.org.br/>>. Acesso em: 09 set. 2007.

*homem de fé*⁸ que Cascudo recebeu, especialmente, de representantes do clero potiguar⁹ – e a importância que o intelectual atribuiu à fé e às expressões de devoção religiosa na representação que construiu sobre si, sobretudo, em seus escritos – memórias e entrevistas¹⁰ – serão enfocadas a seguir. Para o que nos propomos nos próximos subcapítulos, consideraremos, ainda, o arquivamento de papéis, os marcadores de textos e as fotografias, as cartas escritas, as anotações feitas em diários e as coleções que Cascudo acumulou ao longo de sua vida¹¹, pois entendemos que essas ações constituíram uma “escrita de si”, responsável por uma “memória de si” que o apresentava como um *homem de fé* e de moral católica.

1– *Cascudinho*: vida e obra marcadas pela devoção católica

Cascudo nasceu e cresceu em uma família católica. Seu batizado – feito pelo padre João Maria, tornado santo pelo povo potiguar¹² –, ocorreu em maio de 1899, quando ele contava com

-
- 8 Ao apresentarmos Cascudo como um *homem de fé*, não desconhecemos, contudo, a importante advertência feita por Margarida Neves sobre as dificuldades inerentes ao enquadramento de Cascudo nesta ou naquela categoria: “[...] Não é trivial a tarefa de apresentar uma síntese da obra de Cascudo. Personalidade vulcânica e galvanizadora, o filho do coronel nordestino que assumiu como sobrenome familiar a identidade conservadora de seus ancestrais, foi simultaneamente o pesquisador respeitado internacionalmente e o frequentador assíduo da zona da Ribeira; o tradutor dos poemas de Walt Whitman e o entusiasta dos versos de cordel do sertão brasileiro [...]” NEVES, Margarida de Souza. **Roteiros para descobrir a alma do Brasil**: uma leitura de Luís da Câmara Cascudo. 2000. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em 13 ago. 2008. Relatório parcial de pesquisa CNPq.
- 9 Não desconhecemos os interesses envolvidos em depoimentos, discursos e elogios fúnebres feitos por membros da cúpula católica norte-rio-grandense, nem os de Cascudo, ao vincular-se à Igreja Católica do Estado.
- 10 Estamos cientes dos cuidados que devemos ter ao considerar e analisar esse tipo de fonte, já que “a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua verdade’. [...] O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento [...]”. GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 14.
- 11 Como bem observado por Gomes: “Essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde àquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita – como é o caso das autobiografias e dos diários – até a constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções”. *Ibid.*, p. 11.
- 12 O termo potiguar é o gentílico usado para designar quem nasce no estado do Rio Grande do Norte e, em tupi, quer dizer “comedor de camarão”. As tribos potiguares habitavam as regiões do litoral do Nordeste brasileiro e eram inimigas dos portugueses. Ver mais em MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à**

menos de um ano de idade, atestando o respeito que a família tinha pelo ritual católico¹³. Os anos que se seguiram, marcados – como não poderia deixar de ser – pela religiosidade familiar, exerceram influência não apenas sobre o menino *Cascudinho*, mas também sobre o intelectual que se manifestaria, anos mais tarde, em artigos¹⁴ e memórias¹⁵, sobre temas que diretamente ou indiretamente tinham relação com a História da Igreja e com as manifestações de devoção religiosa popular¹⁶.

Cascudo é tido como um escritor excêntrico, “não apenas por sua personalidade plural e, tantas vezes, desconcertante [...] mas por ter-se mantido voluntariamente afastado dos grandes centros urbanos onde se concentravam instituições e homens de letras”¹⁷. O pronunciamento do Cônego José Adelino Dantas parece confirmar a originalidade de Cascudo em relação aos demais intelectuais da década de quarenta do século XX, tanto em função do seu provincianismo quanto pela explicitação de sua condição de homem de fé. Acreditamos que um aspecto que viria, justamente, a reforçar essa excentricidade seria a convivência pacífica – para muitos, incompreensível – do homem de letras com o homem de fé em Cascudo.

É preciso lembrar que a primeira etapa da produção intelectual de Cascudo se insere claramente no período da Restauração católica, movimento da Igreja Católica que contou com a adesão de clérigos e intelectuais que se empenharam na construção de um Estado forte baseado na moral e nos valores do catolicismo: “Liderada no Brasil pelo Cardeal Dom Sebastião

História do Rio Grande do Norte. 3. ed. rev. Natal, RN: Cooperativa Cultural, 2007. Nessa texto, empregamos o termo potiguar para designar não apenas as pessoas que nascem no Estado, mas também o próprio Estado do Rio Grande do Norte.

- 13 Os pais de Cascudo integravam a elite norte-rio-grandense, marcadamente católica, e viveram num período que antecedeu o fim do Padroado, em decorrência da Proclamação da República. Já Cascudo, apesar de ter sido criado nesse mundo, viveu os efeitos da cisão entre Igreja e Estado e do movimento da Restauração Católica, um “projeto bem concreto de restauração da influência do catolicismo dentro da sociedade brasileira, contando, para isso, com o apoio expressivo do próprio poder político”. AZZI, Riolando. **A neocristandade: um projeto restaurador.** São Paulo: Paulus, 1994. p. 9. (História do pensamento católico no Brasil, v. 5).
- 14 Referimo-nos ao artigo de abertura da Revista *Província II*, a qual traz uma homenagem da Fundação José Augusto a Cascudo pelos seus setenta anos de vida e cinqüenta de trajetória intelectual. O artigo de Cascudo a que nos referimos intitula-se *Provinciano Incurável*.
- 15 Como exemplos, podemos citar o artigo *Provinciano Incurável* e o livro *O Tempo & Eu*.
- 16 Seus trabalhos enfocavam tanto as manifestações devocionais populares católicas, quanto o candomblé e o catimbó.
- 17 NEVES, Margarida de Souza. **Roteiros para descobrir a alma do Brasil:** uma leitura de Luís da Câmara Cascudo. 2000. Disponível em: <<http://www.moder-nosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008. Relatório parcial de pesquisa CNPq.

Leme, as atividades de recatolização apresentaram especificidades regionais na construção dos seus discursos. O apoio dos homens das letras comprometidos com os dogmas católicos foi fundamental para a expansão do projeto restaurador, entre tais destacamos Jackson de Figueiredo¹⁸ e Alceu Amoroso Lima¹⁹ (Tristão de Athayde)²⁰.

Em consulta ao acervo da biblioteca de Câmara Cascudo, localizamos vários livros – a maioria deles com dedicatórias – de intelectuais católicos na década de trinta, com destaque para os de Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Nilo Pereira²¹ e

-
- 18 Jackson de Figueiredo foi figura importante e atuante entre os intelectuais do início do século XX, empenhando-se na concretização da Restauração Católica. Entre suas muitas atuações, destacamos a organização e direção da Revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, que iniciaram suas funções em 1921 e 1922 respectivamente. Para Riolando Azzi, os nomes adotados para as instituições refletem o sentido sócio-político da Igreja naquele momento, isto é, a utilização da palavra “Ordem” como denominação de uma revista, refletia o combate que a Igreja pretendia travar contra as doutrinas que seus integrantes acreditavam promover a desordem social, como o comunismo e a laicização do Estado. Com o Centro Dom Vital, os clérigos prestaram uma homenagem ao Bispo pernambucano Dom Vital Maria, por ter combatido a maçonaria e o regalismo imperial, além da constante defesa do poder eclesiástico na política nacional. Ver mais em: AZZI, Riolando. **A Neocristandade: um projeto restaurado**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 105. (História do pensamento católico no Brasil, v. 5).
- 19 Pensador católico e intelectual com uma das mais longas carreiras jornalísticas na imprensa brasileira (cerca de 4.000 artigos publicados). Formado em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Em 1919, quando iniciou a sua colaboração em “O Jornal”, começou a assinar com o pseudônimo que o tornaria famoso, Tristão de Athayde, nome de um pirata português que atuou na Índia. Anos mais tarde, Alceu Amoroso Lima disse que optou pelo pseudônimo para não confundir a atividade literária com a de industrial, já que três anos antes, com a morte do pai, havia assumido a presidência da fábrica de Tecidos Cometa. A empresa somente deixou de pertencer à família pouco antes do começo da 2ª Guerra Mundial, em 1939. Nesta época, passou a demonstrar interesse por assuntos religiosos, o que o fez trocar uma intensa correspondência com o pensador católico Jackson de Figueiredo. Lançou o seu primeiro livro, “Afonso Arinos”, em 1922, mesmo ano em que se engaja no movimento modernista. Como líder da renovação católica no Brasil, fundou o Instituto Católico de Estudos Superiores, em 1932, três anos antes de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=359>>. Acesso em: 20 jan. 2009.
- 20 A atuação desses dois intelectuais foi significativa para a consolidação da proposta de Restauração da Igreja, no contexto do início do século XX, orientada para a recuperação dos valores católicos. MOURA, Carlos André Silva de. *A Revista A Ordem e o discurso recatolizador em Pernambuco (1930 1937)*. In: SEMINÁRIO NACIONAL PODERES E SOCIABILIDADE NA HISTÓRIA, 1., 2008, Recife. **Anais...** Recife, PE: Editora da UFPE, 2008. v. 1, p. 2. 1 CD-ROM.
- 21 Nos tempos da Faculdade de Direito, em Recife, Cascudo tomou contato com as idéias do estudante Nilo Pereira que defendia o ensino religioso como alternativa para a crise educacional nos anos de 1930. Ver mais em: MOURA, Carlos André Silva de. *A Revista A Ordem e o discurso recatolizador em Pernambuco (1930 1937)*. In: SEMINÁRIO NACIONAL PODERES E SOCIABILIDADE NA HISTÓRIA, 1., 2008, Recife. **Anais...** Recife, PE: Editora da UFPE, 2008. v. 1, p. 7. 1 CD-ROM. Segundo depoimento de Nilo Pereira, durante a década de 1930, a “Faculdade de Direito do Recife era considerada o berço da intelectualidade nordestina. De

de Jackson de Figueiredo, autores que devem ter, sem dúvida, influenciado o pensamento de Cascudo e estimulado a sua adesão ao conservadorismo católico do período²². Cabe lembrar que foi também durante este período que Cascudo aderiu ao movimento integralista no Rio Grande do Norte, o que o aproximou ainda mais de uma postura católica e conservadora. Essa adesão fica também evidente na sua forte ligação com Dom Hélder Câmara e na admiração que declarava ter por Gustavo Barroso²³. Admiração que se confirma na liderança absoluta de Barroso entre os dezessete autores mais presentes no acervo e nos quarenta e seis livros de sua autoria – alguns deles com dedicatória do próprio autor a Cascudo – que encontramos na *Babilônia*²⁴.

Ao analisarmos a produção cascudiana, encontramos elementos que revelam a grande familiaridade e conhecimento que ele tinha sobre as origens do catolicismo no Brasil e sobre a História da Igreja no estado do Rio Grande do Norte, como em seu livro *Religião no Povo*²⁵, no qual afirmou que “O português quinhentista foi base e cúpula dos fundamentos religiosos no Bra-

suas salas e corredores, ebuliam idéias que conduziam os discursos da sociedade, reproduzidos em diversos ambientes sócio-políticos da região” Cfe. PEREIRA, Nilo. **A Faculdade de Direito do Recife (1927-1977)**. Recife, PE: Editora Universitária, 1977. v. 1, p. 23-38.

22 Embora Cascudo não tenha se colocado como herdeiro de Jackson Figueiredo e de Alceu Amoroso Lima, acreditamos que ele tenha se identificado com o conservadorismo católico desses autores.

23 Gustavo Barroso foi advogado, professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta e romancista, tendo produzido 128 livros e até um dicionário. Nasceu em Fortaleza, em 29 de dezembro de 1888, e faleceu no Rio de Janeiro, em 03 de dezembro de 1959. Eleito em 08 de março de 1923 para a Cadeira nº 19. Em 1933, após ouvir a conferência de Plínio Salgado, Gustavo Barroso aderiu ao Integralismo, tornando-se seu mais importante doutrinador. No mesmo ano publicou o livro “O Integralismo em Marcha”, e, no ano seguinte, produziu a obra que daria ao Movimento Integralista seus mais sólidos fundamentos teóricos: “Brasil, Colônia de Banqueiros”. Embora não concordasse com o rumo dos acontecimentos, a partir de 1937, manteve-se fiel à doutrina filosófica do integralismo. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_gustavobarroso.htm>. Acesso em: 20 jan. 2009.

24 Dentre os quarenta e seis livros de Gustavo Barroso que encontramos na *Babilônia*, alguns versam sobre a temática religiosa e sobre o Integralismo e cuja leitura podem ter influenciado Cascudo, sobretudo, em sua postura de militante católico conservador. São eles: **O Integralismo em marcha** (1933); **O Integralismo e o Mundo** (1933); **O Integralismo de Norte a Sul** (1934); **Espirito do Século XX** (1936); **Integralismo e Catolicismo** (1937); **Comunismo, Cristianismo e Corporativismo** (1938). As dedicatórias que constam nos livros de Gustavo Barroso que integram o acervo da biblioteca remetem à amizade entre os dois ou trazem saudações próprias do movimento do Integralismo. Do último que mencionamos – o livro de 1938 –, transcrevemos a dedicatória feita pelo autor no exemplar: “Ao Cascudo, com um grande e apertado abraço do Gustavo”.

25 CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo**. João Pessoa, PB: Imprensa Universitária, UFPB, 1974.

sil”²⁶. Na plaquete *Paróquias do Rio Grande do Norte* – na qual ele reconstitui a história das paróquias do Rio Grande do Norte – isto fica bastante evidente:

Paróquia e freguesia são sinônimos perfeitos. Pelo exposto são amovíveis ou inamovíveis na pessoa de seus párocos ou vigários. O pároco é demissível *ad nutum* ou colado, vitalício. ‘Freguesia’ e ‘vigário’ são funcionalmente sobrevivências de nomenclatura outrora oficial e, no presente, apenas sobrevivências. Nada mais. Os títulos populares, consagrados pelo tempo, são realmente ‘freguesia’ e ‘vigário’ que em nada dessemelham de ‘paróquia’ e ‘pároco’.²⁷

Dada a sua ligação com o clero potiguar – coube a Câmara Cascudo²⁸ a reconstituição – e divulgação – de aspectos da História da Igreja no Rio Grande do Norte²⁹, em especial, o resgate da história de algumas de suas paróquias mais antigas, fundadas mesmo antes da fundação da Arquidiocese de Natal, em dezembro de 1909³⁰. Na plaquete escrita por Cascudo, em 1955, para a comemoração do centenário da Paróquia de Nova Cruz,

26 CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo**, p. 310 apud CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1985. O livro “Superstição no Brasil” foi publicado pela primeira vez em 1985 a partir da reunião de três livros já publicados anteriormente: *Anúbis* e *Outros Ensaios*, publicado em 1951, *Superstição no Brasil*, publicado em 1958 e *Religião do Povo*, publicado em 1974.

27 CASCUDO, Luís da Câmara. **Paróquias do Rio Grande do Norte**. Natal, RN: Departamento de Imprensa, 1955. p. 05. Plaquete.

28 Além de Cascudo, também Nestor dos Santos Lima (1887-1959) produziu obras que enfocaram a História da Igreja Católica no Rio Grande do Norte, tais como *A Matriz de Natal*, de 1909, e *O clero na história do Rio Grande do Norte*, 1954, obra que serviu, muitas vezes, de fonte para o próprio Cascudo em seus escritos. Nestor Lima foi professor de Direito Penitenciário da Faculdade de Direito da Universidade do Estado e lecionou também a Cadeira de Direito Internacional Público. Foi sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, instituição que presidiu durante trinta anos. Foi também sócio-correspondente de diversas instituições culturais do país, deixando uma obra extensa que abrangeu as áreas de educação, história e cultura popular.

29 Cabe, no entanto, ressaltar que apesar dos trabalhos de Nestor dos Santos Lima e de Câmara Cascudo, ainda está por ser feito um estudo abrangente e com perfil de síntese histórica – e que se estenda até os dias atuais – sobre a História da Igreja no Rio Grande do Norte.

30 “A Diocese de Natal foi criada a 29 de dezembro de 1909, pela Bula “*Apostolicam in Singulis*” do Papa Pio X, após desmembramento da então Diocese da Paraíba. Foi sufragânea, sucessivamente, das Arquidioceses de São Salvador da Bahia (até 1910), de Olinda (até 1914) e da Paraíba (até 1952). A 16/02/1952, pela Bula “*Arduum Onus*” do Papa Pio XII, foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana, com duas Dioceses sufragâneas: Mossoró e Caicó”. CRIAÇÃO. **Arquidiocese de Natal**. Disponível em: <<http://www.arquidiocese denatal.org.br/arquidiocese/historiaarq.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2008. Desde 2007, a Arquidiocese vive um momento de festa, em função da celebração do Centenário de sua criação. Até final de 2009, serão realizadas visitas pastorais, “encontros” com os agentes pastorais, peregrinação da imagem de Nossa Senhora da Apresentação, Padroeira da Arquidiocese, entre várias outras atividades.

encontramos elementos que atestam a confiança que era depositada em Cascudo e a atribuição de guardião que lhe foi designada pelos membros da hierarquia católica potiguar:

A Paróquia de Nova Cruz não podia comemorar um Centenário sem ouvir a palavra autorizada do ilustre historiador rio-grandense, Luís da Câmara Cascudo. De um lado, o testemunho eloqüente dos livros paroquiais, marcando desde o ano de 1855 até hoje a presença de Vigários, como também dando à antiga capelinha de Anta Esfolada o título de Matriz de Nova Cruz; e do outro, documentos autênticos do tempo do Império, mostrando que só em 1868 é que surgiu a Paróquia de direito, deram lugar ao nosso historiador a um acurado estudo do passado desta Paróquia, para nos dizer depois, conforme determinou o Exm. Sr. Arcebispo Metropolitano, se devíamos ou não comemorar um centenário.³¹

Alguns membros da Igreja chegaram a referir a liberdade – e a familiaridade – com que Cascudo tratava de temas tão importantes para a religião católica, muitas vezes esquecidos ou abordados de forma errônea, e a importância de suas produções para a informação dos fiéis católicos. O Monsenhor Primo Vieira, colaborador do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte (IHGRN), ao expressar sua admiração pelo interesse demonstrado por Câmara Cascudo pelos temas religiosos e, principalmente, católicos, afirmou:

O seu livro 'Religião no povo' merece leitura atenta pela sua atualidade, especialmente agora, depois de Puebla, que a religiosidade popular é objeto de altos ensaios pelos teólogos da Igreja. [...] É com essa convicção que Câmara Cascudo desce à análise de certos hábitos e crenças religiosas, de certas rezas ingênuas, tocadas de um halo supersticioso, indo às fontes orais, com perguntas sábias que não condicionam jamais as respostas. Estas vêm na sua pureza original, espontânea e fidedignas. Tem ele a preocupação de salientar, na sua pesquisa, que essa fé simples 'exprime a convicção de uma ortodoxia hereditária'. E acrescenta: 'Em verdade vos digo que a imaginação não participa da minha narrativa'.³²

Cascudo dedicou-se também a escrever sobre as igrejas do Seridó, numa série de Actas Diurnas que viriam a ser publicadas pelo IHGRN. Em um dos artigos, ele destacou que "Os dois pontos mais antigos de povoamento na região do Seridó são o Acari e Caicó. As igrejas, nascidas das primitivas Capelas locais,

31 MOURA, Pedro (Monsenhor). Apresentação. CASCUDO, Luís da Câmara. Notas para a História da Paróquia de Nova Cruz. Natal, RN: Arquidiocese de Natal, 1955. Plaquete.

32 VIEIRA, Primo. (Monsenhor). Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 71-72, p. 65-66, 1979-1980.

devem ser as veteranas no bom-combate da Fé”³³, advertindo que “Não tenho documentação para acompanhar a marcha da construção da atual Matriz da cidade de Serra Negra. O que se deduz é ter Manoel Pereira Monteiro iniciado as obras, senhor como era de fartos recursos e administrador do patrimônio da Santa”³⁴, para, então, concluir que “Na região do Seridó, a mais antiga igreja é a matriz de Nossa Senhora do Ó, em Serra Negra, nascida e presente na Fé desde 1735...”³⁵. Além de escrever sobre as origens das paróquias, Cascudo também manifestou sua preocupação em relação ao estado de abandono que se encontravam algumas igrejas históricas, como neste artigo em que fala da Capela de Cunhaú e faz um alerta às autoridades potiguares:

Fiquei com Edgar Barbosa, perdão, com o Juiz de Direito Edgar Barbosa trocando mágoas pelo abandono das ruínas. E acalorados fizemos pacto de uma campanha obstinada pela defesa das ruínas, duplamente sagradas pelo heroísmo da Fé e do Martírio, até que se estabeleça a capelinha modesta e para ela volte, em lenta procissão romântica, a doce Nossa Senhora das Candeias, que testemunhou o massacre de 16 de julho de 1645. Juro à fé do meu grau que há muitos anos me bato por esse ideal como Dom Quixote por Dulcinéia del Toboso. Já escrevi, falei e pedi a meio mundo. [...] A Capela de Cunhaú é o santuário do Rio Grande do Norte. Lugar de morte pelo ódio e em louvor da fidelidade à tríade antiga consagradora, a Deus, ao Rei e à Família. A Pátria, terra dos pais, era a soma desses elementos. [...] Será possível a continuação desse abandono injustificado? Tanta verba espalhada e nessa chuva benéfica de ouro não caberão algumas moedas na mãozinha branca de Nossa Senhora das Candeias? Cunhaú se reergueria com pouco dinheiro. [...] Ninguém vai esperar, num colapso de burrice herética, a recusa a um apoio à Capela histórica, sagrada, tradicional e evocadora. Creio firmemente que os senhores Bispos de Caicó e de Mossoró emprestariam todo o apoio. De cada paróquia do Rio Grande do Norte havia de vir uma pedra, com o nome da Paróquia, solidárias para a reconstrução da velha e gloriosa Capelinha mutilada.³⁶

33 CASCUDO, Luís da Câmara. A mais antiga Igreja do Seridó. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1951-1952, Natal, RN, v. 48-49, p. 187, 1952.

34 *Ibid.*, 191.

35 CASCUDO, Luís da Câmara. A mais antiga Igreja do Seridó. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1951-1952, Natal, RN, v. 48-49, p. 193, 1952.

36 CASCUDO, Luís da Câmara. Pela Capela de Cunhaú. **Diário de Natal**, Natal, RN, 03 dez. 1949. Acta Diurna. Disponível em: < <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> >. Acesso em: 25 jan. 2009.

Cascudo fazia questão de mencionar e valorizar as amizades que mantinha com autoridades eclesiais³⁷, enfatizando a admiração e a afeição que sentia por alguns dos representantes do clero potiguar, como por Dom Marcolino Dantas:

Considerarei Dom Marcolino, o primeiro bispo de Natal, amigo sempre presente. A morte existe, os mortos não. Já levei ao altar, como padrinho, mais de uma centena de crianças. Tenho um voto na minha vida: o de nunca levar aos outros as más notícias. Bastam os meios de comunicação para transmitir a tristeza. Sou Comendador da Ordem de São Gregório Magno (Santa Sé) e da Ordem Militar de Cristo, de Portugal.³⁸

De um artigo de Monsenhor Primo Vieira, publicado na Revista do IHGRN, depreende-se que Cascudo e Dom Marcolino – um dos mais representativos membros do alto clero norte-rio-grandense – eram amigos, e que o intelectual potiguar era presença constante em eventos e homenagens, promovidos pela hierarquia católica do Rio Grande do Norte³⁹:

Falou-me naquela tarde, com grande simpatia de Dom Marcolino Dantas, primeiro Arcebispo de Natal que considerava um verdadeiro santo e um amigo sempre presente. E para confirmar o que dizia apelava para aquela passagem do Evangelho em que Jesus fala do Deus de Jacob, de Isaac e de Abraão. 'Se é também o Deus de Dom Marcolino e Deus é sempre o Deus dos vivos, Dom Marcolino continua vivo e bem vivo... os mortos são aqueles que não são lembrados'. Sorrindo, confessava-se, ao contrário de um Marcolino, como um pecador profissional. Os outros são amadores.⁴⁰

Reconhecido por seu catolicismo – pelo clero católico do Rio Grande do Norte –, e prestigiado – em vida – com as Comendas da Ordem de São Gregório Magno e da Ordem Militar de Cristo, Cascudo teria sua fé celebrada em elogios fúnebres após sua morte, como se pode constatar no discurso de Dom Nivaldo

37 Ressaltamos que os contatos que Cascudo mantinha com as autoridades eclesiais iam além do Rio Grande do Norte, como atesta essa fotografia tirada durante uma viagem que fez a Sergipe (não conseguimos obter a data da referida viagem). Cascudo aparece na foto, entre leigos e autoridades católicas e locais. Ver anexo C (Foto de Cascudo no Convento São Francisco de Sergipe).

38 CASCUDO, Luís da Câmara. In: PETROVICH, Enélio Lima. Câmara Cascudo – Imortal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal-RN, v. 77-78, p. 176, 1985-1986.

39 Ver anexo C (foto da cúpula do Episcopado potiguar, por ocasião da homenagem feita a Dom Marcolino, e na qual Cascudo se fez presente).

40 VIEIRA, Primo. (Monsenhor). Câmara Cascudo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, RN, v. 71-72, p. 65-66, 1979-1980.

Monte⁴¹, proferido durante a missa de corpo presente celebrada na Academia de Letras potiguar:

O Brasil, o Rio Grande do Norte e o mundo perderam um dos seus grandes filhos, a maior cultura folclórica do país, autor de trabalhos originais, pioneiros, de modo que vão frutificar no nosso meio, porque ele fez escola no Estado. [...] Se por um lado, a morte dele foi uma perda, por outro, sabemos que o seu exemplo permanece vivo, com ressonâncias eternas e universais. [...] Esse homem na sua vida, procurou ser, no meio que viveu e trabalhou, epifania de Deus, ou seja, espelho e revelação da eternidade. [...] Cascudo não tinha medo de ser tenro, terno, criança. O humanismo foi uma de suas características principais.⁴²

A fé de Cascudo voltaria a ser referida pelo Cônego Jorge O'Grady de Paiva, que era potiguar e membro do IHGRN e da ANL-RN, durante a missa celebrada no Rio de Janeiro, pela passagem do trigésimo dia do seu falecimento: "Quem não vê, na fé cristã de Câmara Cascudo a influência de seu lado humano, universalizado por todos os povos e raças que jamais existiam sem crença?".⁴³

Em julho de 2006, por ocasião da semana em homenagem aos vinte anos de "encantamento" de Câmara Cascudo, Monseñor Francisco de Assis Pereira – personalidade de destaque na Arquidiocese de Natal, por ser um respeitado pesquisador da História da Igreja local e por ter sido o postulador da beatificação dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu⁴⁴ – ao discursar na sessão so-

41 Era o Arcebispo de Natal por ocasião da morte de Cascudo. Foi o segundo Arcebispo da Arquidiocese de Natal, com bispado entre os anos de 1967 a 1988. Foi o mesmo Dom Nivaldo quem celebrou também a missa em homenagem ao centenário de Cascudo, em 30 de dezembro de 1998, na Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. Ver anexo C (foto do convite da Missa em homenagem ao centenário de Cascudo).

42 Dom Nivaldo Monte destaca a fé inabalável do mestre da cultura. CASCUDO sepultado com honras de Estado. **Tribuna do Norte**, Natal, RN, 01 ago. 1986. Cidade, p. 05.

43 PAIVA, Jorge O'Grady. (Cônego) apud PETROVICH, Enélio Lima. Câmara Cascudo – Imortal. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal-RN, v. 77-78, p. 177, 1985-1986.

44 "Uma das maiores conquistas da Arquidiocese foi a beatificação dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu, reconhecidos pelo Papa João Paulo II como os Protomártires do Brasil. No ano de 1645, quando a colonização do Rio G. do Norte ainda estava recente, os padres André de Soveral e Ambrósio Francisco Ferro, mais o leigo católico Mateus Moreira e 28 companheiros, foram assassinados por calvinistas holandeses. Durante o martírio, eles afirmaram a fé na Eucaristia. Mateus Moreira, no momento em que lhe arrancavam o coração pelas costas, exclamava: "Louvado seja o Santíssimo Sacramento". No dia 5 de março de 2000, após vários anos de trabalho do Postulador da Causa dos Mártires, Mons. Francisco de Assis Pereira, o Vaticano elevou os mártires potiguaros aos altares. A beatificação aconteceu no Vaticano, com a presença de vários cristãos da Arquidiocese". PROTOMÁRTIRES. **Arquidiocese de Natal**. Disponível em: <<http://www.arquidiocesede natal.org>>. Acesso em: 13 out. 2007.

lene do IHGRN, destacou a inestimável contribuição prestada por Cascudo para a história do Estado. Nesse discurso, intitulado “*A contribuição de Câmara Cascudo para a História da Igreja no Rio Grande do Norte*” e publicado sob a forma de artigo no livro que resultou das homenagens prestadas ao longo daquela semana, o Monsenhor Assis Pereira assim se referiu a Cascudo: “Todo ramo da ciência tem os seus clássicos: Platão e Aristóteles na filosofia, Homero na literatura grega, Machado de Assis para a literatura brasileira. Na historiografia do Rio Grande do Norte, o grande clássico, o verdadeiro ‘ícone’, é sem dúvida, Luís da Câmara Cascudo”.⁴⁵

Referindo-se, especificamente, à contribuição para a Igreja Católica norte-rio-grandense, o Monsenhor destacou o interesse que Cascudo demonstrou pela temática em seus dois principais livros de história, *História da Cidade do Natal* e *História do Rio Grande do Norte*, nas plaquetes e nas Actas Diurnas que já foram mencionadas nessa Dissertação: “do conjunto de crônicas publicadas, oitenta trataram de assuntos relacionados com a Igreja; das oitenta, 40 são sobre figuras de sacerdotes ilustres de nosso Clero, desde os padres com fama de santidade, como o Padre João Maria e o Padre Monte, aos que se envolveram com a política e com a Revolução, como Padre Miguelinho, [...] passando por padres seus contemporâneos e grandes amigos, como o Monsenhor Alfredo Pegado Cortez, o Cônego Jorge O’Grady e Dom Marcolino Dantas”⁴⁶. Ele continuou, esclarecendo que, apesar de a criação da Arquidiocese, em dezembro de 1909, e o Movimento de Natal⁴⁷ não terem sido abordados por

45 PEREIRA, Francisco de Assis. (Monsenhor). A contribuição de Câmara Cascudo para a História da Igreja no Rio Grande do Norte. In: CASCUDO, Daliana (Org.). **Câmara Cascudo**: 20 anos de encantamento. Natal, RN: Ed. da UFRN, 2007. p. 82.

46 PEREIRA, Francisco de Assis. (Monsenhor). A contribuição de Câmara Cascudo para a História da Igreja no Rio Grande do Norte. In: CASCUDO, Daliana (Org.). **Câmara Cascudo**: 20 anos de encantamento. Natal, RN: Ed. da UFRN, 2007. p. 85.

47 “A Igreja Católica do Rio Grande do Norte é considerada pioneira em ações sociais, sendo que muitas delas surgiram nas décadas de 1950 a 1960, na época do Movimento de Natal, e se expandiram em nível nacional e até internacional. No início da década de 1940, em plena 2ª Guerra Mundial, Natal era uma cidade com 60 mil habitantes. No final de 1941, 20 mil soldados americanos desembarcaram nas praias de Parnamirim, o que significou um aumento bastante expressivo da população local, trazendo suas consequências em termos sociais, econômicos e culturais. Procópio Camargo, autor do livro “O Movimento de Natal”, usa o termo desorganização social para explicar o que viria acontecer: “a instalação das bases militares, a chegada de técnicos e tropas americanas propiciaria o desequilíbrio da organização social da área, ocasionando elevação do custo de vida, proliferação das casas de tolerância, crise habitacional, mudança de comportamento com a introdução de novos costumes que abalam a estrutura tradicional. A grande procura de mão-de-obra para a construção e instalação do campo de Parnamirim e da Base Naval termina por ocasionar uma imigração rural em larga escala. Diante da situação, os jovens sacer-

Cascudo em seus escritos, isto não diminuía a sua contribuição, uma vez que foi um dos mais atuantes colaboradores do Jornal *A Ordem*, veículo de comunicação da Arquidiocese de Natal e porque “Sabemos, porém, que ele acompanhava e admirava todo este esforço de renovação da Igreja, [...] prova disto é a grande admiração que ele nutria por um dos mais notáveis artifícios desta renovação, Dom Hélder Câmara”.⁴⁸

2 – Os Jesuítas na História de Luís da Câmara Cascudo

Se a Cascudo coube, por sua estreita – e até afetiva – ligação com representantes do alto clero potiguar, reconstituir episódios da História da Igreja no Rio Grande do Norte, por sua condição de historiador oficial da cidade do Natal – e por extensão, do Rio Grande do Norte – dedicou-se também à reconstituição histórica dos períodos da conquista e da colonização, atribuindo à Companhia de Jesus um papel bastante destacado nesse processo⁴⁹.

A seguir, iremos nos deter na análise de alguns capítulos de livros e artigos em que Cascudo abordou a atuação dos missionários jesuítas, procurando relacioná-los ao contexto histórico e político específico em que foram produzidos. Interessa-nos, especialmente, analisar as informações que esses escritos divulgam, as representações dos missionários que veiculam e as ava-

dotes Eugênio Sales e Nivaldo Monte começam a pensar um jeito de “reorganizar” a sociedade em Natal. O conjunto de ações sociais realizadas pela Arquidiocese, na época recebeu o nome de Movimento de Natal. Criação do Patronato de Ponta Negra, idealização de reuniões e de cursos de formação permanente do clero, frentes de trabalho, incentivo à organização de Sindicatos de Trabalhadores Rurais, criação da Campanha da Fraternidade, formação de lideranças, missões rurais, escolas radiofônicas, cooperativismo, educação de base mobilizavam pessoas e grupos, em busca de transformações sociais e da promoção humana”. PIONEIRISMO. **Arquidiocese de Natal**. Disponível em: <<http://www.arquidiocesedenatal.org>>. Acesso em: 13 out. 2007.

48 Essa observação feita pelo Monsenhor Assis Pereira já foi por nós explorada, quando mencionamos a ligação de Cascudo com D. Hélder na década de 1930 e o seu envolvimento com o Integralismo. PEREIRA, op. cit., p. 92.

49 Esses trabalhos, cuja realização foi confiada a Cascudo pelos representantes da Igreja Católica potiguar e pelas autoridades políticas do Estado, nos remeteram às reflexões propostas por Pierre Bourdieu. Segundo o sociólogo francês, quem dispõe de autoridade legítima, ou seja, de autoridade conferida pelo poder, detém os mecanismos para impor suas próprias definições de si e do outro. Ver mais em BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. F. Tomaz (Org.). Rio de Janeiro: DIFEL, Bertrand Brasil, 1989. Em **Economia das trocas linguísticas**, Bourdieu reforçaria este aspecto, ao afirmar: “O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador”. BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 89.

liações que estes capítulos e artigos trazem do trabalho desenvolvido pela Companhia de Jesus na Capitania.

Os escritos de Câmara Cascudo, sobre a atuação dos jesuítas em terras potiguares, é preciso ressaltar, obedeceram aos interesses da elite intelectualizada que integrava o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, e foi justamente desse lugar institucional que provieram alguns de seus mais representativos escritos sobre a temática. A elite potiguar a que nos referimos formou-se, em sua maioria, dentro da tradição e do modelo conservador da Igreja católica, razão pela qual a fé e a moral difundida pelos jesuítas inspiravam homens – como Cascudo – a escreverem sobre as ações desses religiosos.

Estas razões, com certeza, determinaram as representações⁵⁰ cascudianas dos jesuítas e levaram o *homem de fé* e historiador católico a enfatizar a ação “heróica” dos padres da Companhia de Jesus:

A conquista pela espada seria consolidada pela catequese dos espíritos. Mosquetes, canhões, lanças, espadas e pelouros nada fariam. Vencido recuava o indígena como uma onda e voltaria mais forte, quebrando-se nas muralhas da pedra do ‘Reis Magos’. O processo era embainhar a espada e dar a palavra ao padre. É a vez dos jesuítas no futuro do Rio Grande do Norte. Padre Francisco Pinto conquista o tuixáua dos Potiguares, o Camarão-Grande, Potiguassú. O padre Gaspar de Samperes percorre, num largo círculo, o próximo distrito, arrebanhando os chefes para as pazes. Tudo se apazigua.⁵¹

Em alguns de seus escritos, também encontramos passagens bastante reveladoras da visão de Cascudo sobre os indígenas. Referindo-se à primeira solenidade celebrada – com ar de festividade e certa organização e que teria ocorrido em Salvador, durante a procissão do corpo de Deus –, Cascudo informa que, para atrair os índios e instruir os colonos, os jesuítas teriam adotado e propagado esse ato devocional conferindo-lhe caráter penitencial⁵²:

Não conheciam Deus. Era o depoimento unânime dos cronistas. Nem uma fé têm, nem adoram a Deus algum (frei Vi-

50 Ressaltamos que empregamos o conceito de *representação* na acepção de Roger Chartier: “As representações do mundo social assim construídas, [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”. CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre praticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

51 CASCUDO, Luís da Câmara. Fundação e nomes da cidade. In: _____. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. p. 21.

52 CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1972. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/docs/text/ciclo.html>>. Acesso em: 30 jan. 2009.

cente do Salvador). Esta gentilidade nenhuma coisa adora, nem conhecem Deus (Padre Manuel da Nóbrega). Além de não revelarem conhecimento nenhum do verdadeiro Deus, não adoram nem confessam deuses falsos, celestiais ou terrestres (Jean de Léry). Nenhuma criatura adoram por Deus (Padre Anchieta). Este gentio não tem conhecimento algum de seu Criador, nem de coisa do céu (Padre Fernão Cardim). Não adoram coisa alguma (Pero de Magalhães Gandavo). Não tinham espécie alguma de religião (Cláudio [sic] d'Abbeville). Sem fé, sem lei, sem religião (André Thevet).⁵³

Perseguindo o objetivo de desvendar a visão de Cascudo sobre a atuação dos jesuítas na conquista da Capitania do Rio Grande e os resultados que os missionários deixaram em terras potiguares – quando foram responsáveis pela pacificação dos índios – e, posteriormente, durante a colonização – quando atuaram no apaziguamento das relações entre índios e colonos –, selecionamos alguns artigos publicados em jornais e revistas e capítulos de livros da vasta produção histórica cascudiana⁵⁴, para identificação e análise das representações dos jesuítas e da Companhia de Jesus neles presentes.

O primeiro artigo que analisamos, *As lendas de Extremôz* (sic), foi redigido entre os anos de 1935-1937 e publicado na Revista do IHGRN em 1940. Nele, Cascudo trata da Vila de Estremoz, primeira vila da Capitania do Rio Grande e antigo aldeamento de São Miguel de Guagirú, contemplando o período que se estende de fins do século XVII, quando se criou o aldeamento, até o final do século XVIII.

Cabe ressaltar que, à época da escrita e da publicação do artigo referido acima, Câmara Cascudo era sócio efetivo do IHGRN, além de redator da Revista na qual o artigo foi publicado. Esta informação é relevante para a análise que propomos, uma vez que reafirma a importância do lugar ocupado pelo autor, como bem observado por Michel de Certeau ao apontar para o condicionamento da pesquisa histórica ao lugar institucional⁵⁵. Mais uma vez, Cascudo enfatiza a importância dos missionários jesuítas para a conquista e a colonização da Capitania do Rio Grande, ressaltando a sua missão evangelizadora: “[...] Guagirú era um aldeamento. Quer dizer que se compunha de algumas famílias, entregues à agricultura, presididas por um sacerdote. Em

53 CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. Brasília: José Olympio, 1976, p. 54.

54 Para proceder a análise, definimos algumas categorias-chave, nas quais enquadrámos as representações dos jesuítas e da Companhia de Jesus presentes na produção cascudiana. São elas: *pacificação, conquista, salvação e catequese*.

55 CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

Guagirú, no aldeamento de São Miguel, **era um jesuíta o pastor dos homens**. [...]”⁵⁶. (grifo nosso).

Ao apresentar os jesuítas como “pastor [es] de homens”, Cascudo evidencia não apenas a sua visão sobre o trabalho evangelizador, desenvolvido pelos missionários durante o período colonial, como expressa a sua percepção sobre a função primordial de um religioso, a de guiar os homens nos princípios e na moral católica.

Nesse artigo, Câmara Cascudo, além de apresentar as muitas lendas ligadas à história da Vila de Estremoz, atribui aos jesuítas a manutenção e a criação de algumas delas. O historiador potiguar inicia o artigo informando que coube aos padres da Companhia, que dirigiam o aldeamento Guagirú, posteriormente transformado em Vila de Estremoz, a construção das igrejas do lugar. Reproduzindo as lendas que se criaram em torno dessas igrejas, Cascudo informou que todas elas possuíam subterrâneos que levavam a um lugar secreto, no qual eram guardados os “tesouros dos jesuítas”: “Era destino do jesuíta esconder dinheiro, alfaias, armas e joias. **Onde ele andou semeando a sãbedoria da moral, do trabalho, as lendas do trabalho foram também semeadas**”⁵⁷. (grifo nosso).

Em outro momento do artigo, Cascudo volta a destacar o papel de civilizador desempenhado pelo missionário jesuíta, responsável pelo treinamento dos indígenas para o trabalho e pelas construções das igrejas nos aldeamentos:

Depois da guerra dos índios é que se deu o aldeamento Guagirú. [...] Depois a redução cresceu... A cidade do Natal estava perto. Os terrenos eram férteis. A indiada ajudava também. **O jesuíta a tudo olhava e chegava a tempo para ensinar trabalho doméstico às cunhãs desocupadas**. A igreja deve ser dos fins de XVIII, ou princípios, como é mais provável, do século XIX. Era um barroco jesuítico. [...] As três portas e três janelas, com ornatos escuros e típicos, **lembram o punho inegualável [sic] e fino do jesuíta construtor**, em toda plenitude do seu estilo despido e impressionante. **Ele conservava a aridês e austeridade de Loiola**⁵⁸. (grifo nosso).

56 CASCUDO, Luís da Câmara. As lendas de Extremôz. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1935-1937, Natal, RN, v. 32-34, p. 87, 1940. Percebe-se nessa passagem a importância que Cascudo dá à ação missional e civilizadora desempenhada pelos jesuítas, visão que nos parece decorrer tanto de sua identificação e adesão ao modelo historiográfico em vigor no período, quanto de sua fé – seu catolicismo – e de sua identificação com a atuação da Igreja católica no Rio Grande do Norte.

57 CASCUDO, Luís da Câmara. As lendas de Extremôz. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1935-1937, Natal, RN, v. 32-34, p. 86, 1940.

58 Ibid., p. 88.

Revelando uma visão extremamente positiva dos tempos em que os jesuítas administravam os aldeamentos, Cascudo contrapõe a pobreza de Estremoz, no século XX, à riqueza que os jesuítas teriam acumulado no período colonial. Embora demonstre uma certa perplexidade diante das informações que dão conta do “grande tesouro” acumulado pelos jesuítas – apesar das terras pobres, da “vida primitiva” e do inexpressivo número de padres –, Cascudo não deixa de expressar sua verdadeira admiração diante da “projeção dos inacianos” junto à população e das demonstrações heróicas de fé e caridade dos missionários, parecendo considerá-las como o maior tesouro que teriam conseguido efetivamente reunir:

[...] Extremôz (sic) continua sem história, silenciosa, pequenina, ignorada, sem lances heróicos que não fossem os da fé e sem maiores trabalhos afora os da caridade e do rythmo (sic) moral que o jesuíta imprimia como uma projecção (sic) de sua presença. Nesse ambiente, terra pobre, meia dúzia de padres (não há informes sobre o número) famílias indígenas, trabalhadores ruraes (sic), raro homem branco, vida primitiva e serena, pautada pela oração e pelo hábito das madrugadas e dos somnos (sic) ao cahir (sic) da noite, o jesuíta juntou um thesouro (sic). Um grande thesouro (sic) que inda (sic) faísca e deslumbra toda diversidade de gente. Como teria o jesuíta arranjado tanto ouro? E para que, Santo Deus?⁵⁹

Ao escrever sobre o período da conquista e colonização do Rio Grande do Norte, como demonstrado nesse capítulo, Câmara Cascudo enfatizou o papel civilizador dos missionários jesuítas, inspirando-se e valendo-se, sobretudo, da produção⁶⁰ do Pe. jesuíta Serafim Leite⁶¹. As consultas a essa produção ficam evidentes – dentre as muitas que podemos referir – numa passagem do primeiro capítulo de seu livro *História da Cidade do Natal*, aquele que o consagrou como historiador, no qual Cascudo refere explicitamente a Serafim Leite, a propósito da controvérsia em torno da data da chegada dos portugueses à região: “A esquadra entrou a barra do rio Potengi em dia discutido ainda. O Pe. Serafim Leite, S. J., divulgou o 25 de dezembro de 1597”⁶².

59 CASCUDO, Luís da Câmara. As lendas de Extremôz. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1935-1937, Natal, RN, v. 32-34, p. 89, 1940.

60 LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5.

61 Serafim Leite nasceu em Portugal, em 1890. Veio ao Brasil, ainda rapaz, aos 15 anos, quando entrou para a Companhia. Por indicação do Provincial, foi incumbido de escrever a “*História da Companhia de Jesus no Brasil*”, produzida entre 1938 e 1950. Morreu em 1969.

62 CASCUDO, Luís da Câmara. O “Santos Reis”. In: _____. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947. p. 18.

Esta *reverência* a Serafim Leite não impediu que Cascudo atualizasse algumas informações sobre a Capitania do Rio Grande, outrora divulgadas pelo historiador jesuíta. Em um exemplar original da obra de Serafim Leite – que encontramos na biblioteca do Memorial Câmara Cascudo –, deparamo-nos com um pequeno texto – escrito à mão por Cascudo – ao final do capítulo III do livro III, que trata das antigas aldeias jesuíticas de Guajuru e Guarairás⁶³.

Na conclusão do capítulo, Serafim Leite informa: “O exílio dos Padres destas duas Aldeias não se fêz (sic) sem protestos e lágrimas de Índios e Brancos, que de Guajuru os vieram acompanhar por espaço de duas milhas até a Cidade. [...] Episódio apenas significativo, conclui Francisco da Silveira, do amor e reverência dos nacionais do Brasil para com os seus benfeitores de quem assim os privavam”⁶⁴. A este último parágrafo, Cascudo – valendo-se, com certeza, da sua condição de historiador oficial de Natal e das informações de que dispunha através de pesquisas realizadas – acrescentou à mão: “O último diretor era o Pe. Alexandre de Carvalho, com o escolástico José Ferreira deixou a aldeia em junho de 1759. O Padre [M.] do Colégio de Recife. Embarcou em Bahia a 1-5-1760 com 52 companheiros para Lisboa”⁶⁵.

Alguns outros capítulos da obra de Serafim Leite também foram alvo da leitura atenta e criteriosa de Cascudo, como se pode perceber nas correções e anotações que fez à margem de algumas páginas. Uma das que nos chamou a atenção é a anotação que fez ao lado da seguinte passagem: “E, ao mesmo tempo, se cuidaria dos Potiguares, tanto dos do Rio Grande, <como dos que se desceram para Paraíba e Gueena, que é Aldeia que está entre a Paraíba e Pernambuco, que nós, por missão, conservamos>”⁶⁶. (grifo de Cascudo). Além de sublinhar a palavra que considerou estar incorreta, Cascudo a corrigiu, substituindo-a por *Goiana*. Em outro capítulo, Cascudo – preocupado com a precisão de nomes, lugares, datas e personagens – complementar a informação dada por Serafim Leite sobre o padre Bourel: “A vida da Aldeia continuou neste ambiente de apostolado em meio versátil e difícil, durante alguns anos, até que em 15 de maio de

63 Trata-se, efetivamente, do capítulo II, *Fundação do Rio Grande do Norte*, e capítulo III, *Aldeias de Guarairás e Guajuru* da obra de LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, cap. 2-3, p. 504-535.

64 LEITE, Serafim. Aldeias de Guarairás e Guajuru. In: _____. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p. 535.

65 Ver anexo C (a página 535 – do capítulo 3, do livro 3 da obra **História da Companhia de Jesus no Brasil**, de Serafim Leite, que integrava o acervo pessoal do historiador. Passagem escrita à mão por Cascudo).

66 LEITE, Serafim. Fundação do Rio Grande do Norte. In: _____. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p.506. Ver anexo C (foto da página 506 de Serafim Leite do capítulo 2, do livro 3).

1709 faleceu nela o P. Filipe Bourel⁶⁷ (grifo de Cascudo). Ao lado do nome do missionário, Cascudo acrescentou: 1659-1709.

Esses indícios de uma leitura crítica e atenta – que não se limitou à obra de Serafim Leite e nem às anotações que fazia à margem dos livros que lia e consultava – nos comprovam o espírito inquieto e investigador de Cascudo, aspecto que viria a ser destacado por ele mesmo: “Sempre fui curioso, indagador, grande memória e sem atração pelo que seduzia os contemporâneos, Pecúnia, Poder, Luxúria [e] Ostentação. Nunca me saíara do conhecer”⁶⁸.

Cascudo também publicou artigos que enfocavam a atuação dos missionários jesuítas durante o período colonial em um importante veículo de divulgação da Igreja Católica no estado do Rio Grande do Norte, o jornal *A Ordem*, da Arquidiocese de Natal⁶⁹. Fundado em 1935, o jornal circulou diariamente até 1953, e, após sete anos sem ter sido impresso, voltou a circular semanalmente em 1960. A partir de 1967, tornou-se mensal, sendo divulgado a partir das paróquias. Para dar continuidade à análise que pretendemos fazer a seguir, selecionamos dois artigos publicados no ano de 1938: *Aldeias dos jesuítas no Rio Grande do Norte* e *As grandes festas de hoje em Estremoz: uma povoação que é uma relíquia histórica*.

Vale destacar que o jornal *A Ordem* foi lançado em uma época em que a Igreja Católica do Rio Grande do Norte se mostrava preocupada com os problemas sociais decorrentes da Primeira Guerra Mundial, com o fortalecimento do catolicismo e com a moral. A primeira fase do jornal, de 1935 a 1953, segundo Alceu Ferrari⁷⁰, caracterizou-se por uma linha editorial que seguia ideias integralistas. Seus dirigentes, na primeira fase, foram jovens intelectuais católicos. De acordo com relatos de leitores e de funcionários do jornal, em sua primeira fase, *A Ordem* tinha grande importância na sociedade natalense, sendo não só instrumento da ação católica, mas fonte de informação e opinião sobre assuntos locais, nacionais e internacionais⁷¹. Corroborando esses relatos, em 1967, Dom Nivaldo Monte, então Arcebispo

67 LEITE, Serafim. Nas Fronteiras do Rio Grande e Ceará. In: _____. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, p.548. Ver anexo C (foto da página 548 de Serafim Leite do capítulo 4, do livro 3).

68 CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio e fuga do real**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1974. p. 137-138.

69 Os dois artigos foram publicados no mesmo dia. O artigo sobre as festas de Estremoz é matéria de capa e o artigo sobre as aldeias se encontra na pág. 6 da edição do dia 14 de agosto de 1938.

70 Ver mais em FERRARI, Alceu. **Igreja e desenvolvimento: o movimento de Natal**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1968.

71 Informação contida em: JORNAL A Ordem: origem. **A Ordem online**. Disponível em: <http://www.arquidiocesedenatal.org.br/aordem/ao_historia.htm>. Acesso em: 19 set. 2007.

da Arquidiocese de Natal, chegou a afirmar: “se saía em *A Ordem* todo mundo acreditava”⁷².

Ao analisarmos os artigos divulgados n’*A Ordem*, constatamos que eles reafirmam o discurso apologético em relação à Companhia de Jesus, tão evidente no artigo *Os jesuítas no Rio Grande do Norte*, publicado na Revista *Estudos Brasileiros*, e no capítulo do livro *História do Rio Grande do Norte* que já mereceram a nossa atenção. Neles, Cascudo enfoca a situação das populações indígenas do Rio Grande do Norte após a “Guerra dos Bárbaros”⁷³, ressaltando a importante contribuição dos missionários jesuítas para a pacificação e para o aldeamento dos índios: “As Missões apasiguadoras [sic] estavam ao redor dos antigos centros de resistência selvagem. **O missionário empregou a tática infalível da bondade, da alegria e da tolerância.** O cariri taciturno e agressivo virou cordeiro. [...]”⁷⁴ (grifo nosso).

Cascudo não descuidou de ressaltar as habilidades dos missionários e da sua atuação em áreas muito distintas: “O jesuíta nestas duas reduções⁷⁵ multiplicou-se [sic]. [...]. O padre, mestre escola, feitor, arquitecto [sic], era ainda um animador de festas tradicionais. [...]”⁷⁶. Isto, no entanto, não o impediu de, curiosamente e discordando da visão apologética tão difundida em outros de seus trabalhos, afirmar que: “**Os jesuítas viviam explorando os pobres índios**”⁷⁷ (grifo nosso).

Em outra passagem, Cascudo refere-se aos efeitos negativos da colonização, sobretudo da exploração da mão-de-obra indígena, contrapondo-os ao bom tratamento que os jesuítas lhes haviam dado nos aldeamentos: “Os índios desapareceram. Restam, no meio das duas praças silenciosas e devastadas, espectral, abrindo os dois grandes braços de rija madeira, **os dois Cruzeiros, derradeiras testemunhas [...] dos homens que**

72 Ibid., 2007.

73 As guerras movidas contra os indígenas que resistiam à ocupação de suas terras foram chamadas pelos colonizadores de “guerras justas”. Segundo a legislação portuguesa, os “índios bárbaros” que eram nelas aprisionados poderiam ser escravizados ou vendidos como escravos – assim como seus descendentes –, ao contrário dos “índios mansos”, ou seja, os já batizados e, portanto, já supostamente submetidos à colonização. A “Guerra dos Bárbaros”, por sua vez, consistiu numa série de conflitos que ocorreram entre 1651 e 1704, nas capitanias do Norte, sendo a Capitania do Rio Grande uma das mais atingidas por tais conflitos. MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 3 ed. rev. Natal, RN: Cooperativa Cultural, 2007. p. 46-49.

74 CASCUDO, Luís da Câmara. Aldeias dos jesuítas no Rio Grande do Norte. **A Ordem**, Natal, RN, p. 06, 14 ago. 1938. Constatamos que essa caracterização da atuação dos missionários será feita por Cascudo em outro artigo, de 1940, no qual voltará a reforçar sua percepção elogiosa sobre a conduta dos padres na Capitania.

75 Referência às duas missões no Rio Grande do Norte que ficaram sob o comando dos jesuítas, a de Guagirú e de Guaraíras.

76 Ibid., p. 06.

77 Ibid., p. 06.

por ali passaram, ensinando e sofrendo por eles, os padres da Companhia de Jesus...⁷⁸ (grifo nosso).

Em um artigo divulgado no Jornal *A Ordem*, intitulado *As grandes festas de hoje em Estremoz: Uma povoação que é uma relíquia histórica*, também identificamos representações cascu-dianas sobre os jesuítas e o papel que desempenharam em terras potiguares:

As raízes do Brasil, aquelas que o sustentam, estão na tradição. Quem quiser conhece-las (sic) precisa mergulhar em nosso passado histórico. A poucas léguas de Natal, em Estremoz, o Brasil pode ser visto no que ele possui (sic) de eterno e superior a todos os atrativos do progresso atual. Aquelas ruínas tem uma eloquência (sic) singular, porque nos revelam o verdadeiro Brasil sem articular palavra ou desferir um gesto. O Rio Grande do Norte é feliz porque, além de Estremoz, conserva outros tesouros históricos como Arez, Uruassú (sic), Cunhaú, Papari, Vila-Flor, Assú, Port'Alegre (sic), Apodi, São José de Mipibu e tantos mais. **Quanta espiritualidade se respira numa visita a esses velhos monumentos do passado! Precisamos, vez por outra, empreender visitas coletivas a esses lugares (sic) sagrados, para conhecer, sentir e amar as nossas tradições positivas. A romaria de hoje a Estremoz tem este sentido**⁷⁹ (grifo nosso).

Nesse trecho que transcrevemos, Cascudo, além de caracterizar a antiga aldeia jesuítica de Guagirú como uma das “belas e louváveis” raízes do Brasil, incentiva os potiguares a manterem a romaria a Estremoz e a manterem as tradições religiosas populares.

Nesse mesmo artigo, Cascudo procura convencer os leitores do Jornal *A Ordem*, de que o legado jesuítico foi de suma importância para o *patrimônio espiritual e material* do Rio Grande do Norte, pois, segundo ele:

Ali, há três séculos, os jesuítas estabeleceram a aldeia de Guagirú; dali a ira do marquês de Pombal expulsou, em 1760, os beneméritos filhos de Santo Inácio de Loiola; ali foi edificada, nesse ano, a Nova Vila de Estremoz sobre as ruínas da antiga aldeia. Na primitiva capela construída pelos jesuítas existiam, em 1760, tantas imagens que fariam hoje uma santa inveja a muitas de nossas matrizes. [...] Tudo isto é muito significativo. É uma <raiz> que contém muita substância. No solo da pátria estão enterradas muitas dessas raízes!⁸⁰

Na continuidade, passamos a analisar um outro artigo de Câmara Cascudo, intitulado *Os jesuítas no Rio Grande do Norte*,

78 CASCUDO, Luís da Câmara. Aldeias dos jesuítas no Rio Grande do Norte. **A Ordem**, Natal, RN, p. 06, 14 ago. 1938.

79 CASCUDO, Luís da Câmara. As grandes festas de hoje em Estremoz: Uma povoação que é uma relíquia histórica. **A Ordem**, Natal, RN, p. 01, 14 ago. 1938.

80 Ibid., p.01.

escrito em fins da década de 1930 e publicado em 1940⁸¹ na revista *Estudos Brasileiros*⁸², do Rio de Janeiro. É importante lembrar que Cascudo era, à época, um dos mais destacados intelectuais norte-rio-grandenses e integrava o IHGRN, instituição cujo maior interesse era o de construir uma história e uma memória sobre o Rio Grande do Norte, e que este artigo, apesar de não ter sido publicado pela Revista do IHGRN, enquadrava-se perfeitamente no tipo de produção que o Instituto estimulava e divulgava⁸³. Vale ressaltar, ainda, que a produção histórica dessas duas décadas foi marcada pelas tentativas de interpretação e pela publicação de sínteses do passado brasileiro⁸⁴, que se caracterizaram, especialmente, pela amplitude temática, de difícil classifica-

81 Vale ressaltar que foi durante a década de quarenta que Cascudo se consagrou como historiador, integrando-se, efetivamente, ao esforço de construção de uma memória do estado do Rio Grande do Norte.

82 A **Revista Estudos Brasileiros**, publicada no Rio de Janeiro, teve como fundador João Augusto de Mattos Pimenta, idealizador do Instituto de Estudos Brasileiros.

83 Como já observado em outro momento, o Rio Grande do Norte havia passado pela Revolução de 1930, sem muitas mudanças em sua estrutura política. Dessa forma, o IHGRN continuava congregando a elite pensante que se responsabilizava pela história do Estado, sendo que uma grande parte dessa elite era composta por políticos importantes que detinham o poder local. Cascudo fazia parte desse universo, escrevendo seus livros sobre diversas áreas, tais como etnografia, história e folclore.

84 Como exemplo dessas sínteses, podemos citar a renomada tríade da historiografia brasileira, formada por Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior. Sérgio Buarque que publicou em 1936 o seu renomado livro: **Raízes do Brasil**. Hollanda escreveu sobre a formação do Brasil, diagnosticando o português como elemento predominante, o que difere da perspectiva de Gilberto Freyre, que responsabilizou a mestiçagem entre as raças e que em 1933 lançou sua obra prima: **Casa Grande & Senzala**. De acordo com as ideias defendidas no livro por Freyre, a própria estrutura arquitetônica da Casa-Grande expressaria o modo de organização social e política que se instaurou no Brasil, qual seja o do patriarcalismo. E, posteriormente, consolidando esse modelo de grandes construções sobre o Brasil que dessem conta de aspectos cruciais da sociedade e do espaço brasileiro. No livro **Formação do Brasil Contemporâneo**, Caio Prado Júnior faz uma síntese dos três primeiros séculos da colonização, até inícios do século XIX, momento caracterizado por ele como uma etapa decisiva na evolução do país, visto que se constitui num período de transição para uma nova fase. Através de uma abordagem inovadora, Caio Prado descartou a tendência predominante na época de enquadrar o sistema colonial em um modelo de economia feudal, afirmando que o processo colonial não passou de uma das manifestações de um fenômeno de maior amplitude, a expansão comercial iniciada no século XIV, ou seja, criando uma visão do colonialismo como parte integrante do capitalismo mundial. Esses três grandes livros publicados alimentaram, no dizer de Antônio Cândido, a imaginação dos jovens brasileiros e os estimularam a refletir sobre seu país: **Casa-Grande & Senzala** (1933), de Gilberto Freyre; **Raízes do Brasil** (1936) de Sérgio Buarque de Hollanda e **Formação do Brasil Contemporâneo** (1942) de Caio Prado Júnior. Vale ressaltar que cada um desses autores apresenta particularidades que os diferenciam entre si, possuindo como semelhança na maioria das vezes apenas o fato de tratar do processo de formação histórico e cultural do Brasil e terem marcado a historiografia brasileira do século XX.

ção teórico-metodológica, apesar de profundamente marcadas pelos estudos comparativos⁸⁵.

No artigo em questão, Cascudo atribuiu grande importância aos jesuítas, tanto por sua formação e condição de pregadores – para a salvação das almas dos indígenas⁸⁶ – quanto para a instalação dos primeiros núcleos populacionais, em função das suas habilidades. Este último aspecto, aliás, fica bem evidenciado na passagem que faz referência à construção do Forte dos Reis Magos, um dos principais marcos da conquista do Estado: “O padre Gaspar de Samperes fôra (sic) soldado, batalhando em Espanha, sabendo dirigir uma construção militar. Ergueu-se a fortaleza dos Reis Magos debaixo do desenho e naturalmente da fiscalização do **Jesuíta Engenheiro**”⁸⁷ (grifo nosso).

Constata-se que os jesuítas são apresentados como os grandes responsáveis pela fundação da Cidade do Natal, dada a sua persistência e habilidade para negociar e estabelecer alianças:

De 1597 a 1599 as missões jesuíticas desdobraram-se para possibilitarem a fundação da Cidade do Natal. Alianças com ‘tuixáuas’ potiguares, ‘pazes’ solenemente proclamadas, trocas de presentes, moradia avisinhada (sic), todos os processos foram praticados, **com aquela paciência ir-resistível [sic] e continua (sic) do Jesuíta [...]**⁸⁸ (grifo nosso).

85 Ver mais em DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980: experiências e horizontes**. 2. ed. rev. e ampl. Passo Fundo, RS: UPF, 2004. p. 17-18.

86 Constata-se que, ao escrever esse artigo, Cascudo estava claramente influenciado pelo evolucionismo próprio do século XIX, pois entendia os índios – a “indiada” – como “selvagens”, “ariscos”, “suspicazes” a quem os jesuítas, com muita paciência conseguiram “civilizar”. Ele não deixa de enfatizar a importância do trabalho catequético e de destacar os benefícios que as Missões haviam trazido para os índios: nelas eles tinham sua casa, faziam seu roçado, cultivavam a mandioca e a vendiam, as moças aprendiam a tecer, a fiar e a coser, enquanto os rapazes iam à escola e aprendiam um ofício. Isto fica bem evidente quando ele se refere à expulsão dos jesuítas do Brasil e ao processo da transformação de cada Missão em Vila. Nele, Cascudo não deixa de esboçar uma crítica em tom de ironia: “Os índios, restituídos (sic) a sua liberdade e comercio (sic), ficaram otimamente servidos. El-Rei nomeou um bando de tecnicos desinteressados para inicia-los (sic) nas contentisas (sic) da administração civil. Começaram, naturalmente, dividindo o expolio (sic) do Jesuíta.” E concluiu o texto afirmando que, após a expulsão dos jesuítas, os índios ficaram desorientados e se entregaram à preguiça e a uma vida errática, o que fez com que eles se destruíssem a si próprios, pois perderam completamente a sua identidade. CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 206-207, jul./out. 1940.

87 *Ibid.*, p. 199.

88 CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 201, jul./out. 1940.

Reforçando esta representação positiva dos jesuítas, Câmara Cascudo afirmou: “Os dois jesuítas⁸⁹ são a velocidade inicial da **conquista católica**. Procuram os Potiguares⁹⁰ ariscos, **conversam, discutem, convencem**”⁹¹ (grifo nosso).

Em outro momento do artigo, Cascudo vincula a “pacificação”, a conseqüente civilização dos índios pelos jesuítas, ao estabelecimento de colonos na região: “Deve o Rio Grande do Norte aos Jesuítas o plano da fortaleza, a escolha provável do local e denominação da Cidade, **a pacificação do indígena indispensável para o estabelecimento regular dum (sic) núcleo europeu**”⁹² (grifo nosso). A passagem expressa o posicionamento de Cascudo sobre a forma como se deu a conquista e a colonização no Rio Grande do Norte. Uma visão que exalta a atuação dos missionários da Companhia de Jesus – representantes da Igreja Católica – e de conformidade com o processo de sujeição a que foram submetidos os indígenas, tido como fundamental para o estabelecimento da cultura europeia na região.

Ao exaltar a ação do Estado português no período inicial da conquista e colonização, e ao valorizar a conduta e as estratégias de atração e de aldeamento empregadas pelos missionários, Cascudo acaba por apresentar os efeitos negativos que o posterior afastamento dos jesuítas trouxe para os indígenas do Rio Grande do Norte:

As Missões apaziguadoras estavam ao redor dos antigos centros de resistência. [...] Aldeiados (sic), El-Rei entregou-os ao Missionário. O Padre empregou a tativa (sic) infalível da bondade, da alegria e da tolerância. O Cariri, taciturno e agressivo, virou ovelha de quadro de Watteau. Quando lhe tiraram o Padre, o Cariri foi desaparecendo, roído de sífilis, inchado pelo álcool, expoliado (sic) das terras, expulso das roças, sem estímulo para trabalhar. Quando lhe deram a Liberdade o índio morreu.⁹³

A passagem acima evidencia um *discurso* de enaltecimento da “empresa colonizadora” – bem de acordo com a postura historiográfica do IHGB –, na qual os jesuítas se engajaram como “funcionários” a serviço do Estado português⁹⁴, bem como dos

89 Referência aos padres Gaspar de Samperes e Francisco Pinto. Ibid., p. 200.

90 Os Potiguares falavam o Tupi e habitavam o litoral da Capitania do Rio Grande. Nesta passagem que transcrevemos fica evidente que Cascudo incorporou a percepção dos jesuítas e reproduz a dos cronistas clássicos, fazendo a distinção entre os Potiguares e os Cariri. Estes índios, para Cascudo, eram os habitantes do sertão – muito mais arredios que os Potiguares –, tendo sido – pela persistência dos jesuítas – transformados em dóceis “ovelhas” pela catequese.

91 Ibid., p.200.

92 Ibid., p. 201.

93 CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 203, jul./out. 1940.

94 Para esclarecer essa questão, recorremos a Thomas Bruneau, que afirma: “A base legal para o controle do Estado sobre a Igreja foi a série de bulas papais

procedimentos de conquista⁹⁵ e, sobretudo, dos benefícios decorrentes da instalação de missões jesuíticas. A “infalível e inteligente” ação dos jesuítas mereceria destaque em outra passagem do artigo: “O padre Miguel de Carvalho foi o aquietador dessa multidão turbuléntissima (referência à resistência dos indígenas). **E só podia ser Jesuíta** (grifo nosso). Os padres seculares não eram aproveitados no serviço das missões”⁹⁶. O historiador, ao ressaltar a formação qualificada e a habilidade dos jesuítas para a atividade missionária junto aos indígenas, não apenas revalida a importância da Companhia no processo da conquista do Rio Grande do Norte – já apontada por outros historiadores –, como reforça o discurso laudatório da atuação missionária jesuítica durante o período colonial.

Cascudo também se referiu aos jesuítas em ocasiões solenes, como na sessão organizada pelo IHGRN, em 1940, por ocasião das comemorações do quarto centenário da fundação da Companhia de Jesus. De acordo com a Ata da sessão, publicada na Revista do IHGRN, o orador oficial do Instituto:

[...] produziu (sic) uma brilhante oração, pela qual historiou toda a obra patriótica e christã (sic) dos discípulos de Inácio de Loiola. O orador demonstrou o heroísmo de Anchieta e continuando, disse que tivemos páginas maravilhosas nas epopéias da Catequese dos indígenas e que os nomes gloriosos de Nóbrega, José de Anchieta, Aspucuelta Navarro e centenas de outros **fazem parte integrante da própria civilização (sic) brasileira, como os mais decididos fatores de progresso, ao lado das forças colonizadoras (sic)**. Disse que o Rio Grande do Norte deve muito aos padres jesuítas. De um jesuíta é a planta da fortaleza dos Reis Magos e as vilas de Estremoz e Ares (sic), hoje cidades, foram aldeias entregues ao seu cuidadoso pastoreio espiritual [...]”⁹⁷ (grifo nosso).

que concediam padroado aos Reis de Portugal. (...) Padroado é a outorga, pela Igreja de Roma, de certo grau de controle sobre uma Igreja local, ou nacional, a um administrador civil, em apreço de seu zelo, dedicação e esforços para difundir a religião, e como estímulo para futuras “boas obras”. De certo modo o espírito do padroado pode ser assim resumido: aquilo que é construído pelo administrador, pode ser controlado por ele.” BRUNEAU, Thomas. **O Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974. p. 31.

95 Entendemos esses procedimentos de conquista como as estratégias utilizadas para garantir a conquista, dentre as quais se destacaram: “a aprendizagem das línguas indígenas pelos agentes de colonização, a criação da língua geral que homogeneizava as línguas nativas e o ensino da língua portuguesa. [...]”. Ver mais em: LOPES, Fátima Martins. **Em nome da liberdade**: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII. 2005. Tese (Doutorado em História do Brasil) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

96 CASCUDO, Luís da Câmara. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. **Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 204, jul./out. 1940.

97 ATA da sessão solene comemorativa do quarto centenário da Fundação da Companhia de Jesus, do dia 27 de setembro de 1940. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. 32-37, p. 178-179, 1935-1940.

O trecho que destacamos da Ata – “fazem parte integrante da própria civilização [sic] brasileira, como os mais decididos fatores de progresso, ao lado das forças colonizadoras [sic]” – expõe – de forma muito evidente – a visão que Cascudo – representando o IHGRN – tinha da Companhia de Jesus e do papel que havia desempenhado na Capitania do Rio Grande durante o período colonial. Os missionários jesuítas são apresentados como “decididos fatores de progresso” e responsáveis pela “própria civilização brasileira”, em consonância com a postura historiográfica da primeira metade do século XX⁹⁸, que tinha nos Institutos Históricos um espaço privilegiado para sua consagração e difusão.

Outros confrades, além de Cascudo, publicaram artigos enfocando a atuação da Companhia de Jesus na Revista do IHGRN, como Monsenhor Paulo Herôncio, que, em 1953, definiu os jesuítas como personagens essenciais para a conquista do território potiguar:

[...] É nesta alvorada de conquista da nossa terra que aparecem os primeiros jesuítas integrando-se na história da Capitania [...]. Ninguém melhor do que eles (sic) estava credenciado para os entendimentos de paz com os indígenas. [...] Foram os jesuítas que descortinaram o futuro da nossa terra, numa antevisão que o presente está a confirmar, insistindo no estabelecimento de Missões na Capitania, alegando ser o Rio Grande do Norte a “Chave do Brasil”. [...] Recolhendo com carinho os feitos do passado, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte presta, no jubileu áureo de sua fundação, comovida homenagem aos jesuítas que ajudaram a construir os alicerces da nossa nacionalidade.⁹⁹

Analisamos também uma *Acta Diurna* escrita por Cascudo em 1940, na qual ele se referiu especificamente a passagens da atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande, a *Acta* foi intitulada: *PADRE GASPAS DE SAMPERES E OUTROS TEMAS JESUÍTICOS*. Nesse texto, Cascudo ressaltou mais uma vez a “essencial” participação dos padres jesuítas nos processos de conquista e colonização das terras potiguares e dos ensinamentos e práticas cristãs que difundiram:

A ‘Semana Santa’ de 1598 foi realizada durante as tarefas da Fortaleza. Os índios assaltavam sempre. Não havia segurança. Os dois Jesuítas temiam uma batalha e nela conspurcar-se a sagrada partícula. Mascarenhas Homem

98 LIMA, Bruna Rafaela de. **A atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande na visão de Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo**. 2006. f. 45-46. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2006.

99 MELO, Paulo Herôncio de. Os jesuítas nas primeiras horas da colonização da Capitania. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 50, p. 47-48, 1953.

teimou em assistir uma ‘Semana Santa’ nessa solidão selvagem. Enquanto o Santíssimo Sacramento esteve encerrado, duzentos arcabuzeiros vigiavam, os capitães compareceram, arrastando as bandeiras, rojando ao chão os estandartes, em homenagem. Fez-se o ‘Ofício das Trevas’ e houve ‘Procissão’. A Cidade do Natal nasceria um ano depois... Regressando Mascarenhas Homem à Paraíba teriam os dois Jesuítas o acompanhado, sem que ficasse um deles no apascento do rebanho que surgia? Não é crível. O Padre Francisco de Lemos seguiu, mas Gaspar de Samperes ficou e parece ter sido a nossa primeira autoridade eclesiástica no Natal que ainda não se fundara.¹⁰⁰

Nessa *Acta*, Cascudo, novamente, reproduz a versão do historiador jesuíta Serafim Leite, como se pode constatar nesta passagem que deixa explícita a consulta às informações por ele divulgadas:

Ao lado de Manuel Mascarenhas Homem, Capitão-Mor de Pernambuco, comandante da expedição colonizadora do Rio Grande do Norte, vinham dois Jesuítas, os padres Francisco de Lemos, por superior, e Gaspar de Samperes ou São Peres. Quando aportaram as naus no estuário do rio Potengi, logo chamado Rio Grande? Uma ‘Relação’ inédita que o Padre Serafim Leite S. J. divulgou, informa: - ‘O Rio Grande está em cinco graus e meio de altura à parte do sul da linha equinocial. Entraram os Portugueses neste rio e terra para conquistar o ano de 97, a 25 de dezembro’. Sabemos agora ter sido os dois Jesuítas, Pinto e Samperes, os artífices das pazes entre Potiguares e Portugueses. **O Padre Pinto, Francisco Pinto, o “Pai Pinto” dos indígenas, foi à serra da Cupaóba apaziguar a indiada submissa. Samperes conquistou Potiguassú, o Camarão Grande, Pai de Dom Antônio Felipe Camarão. Não lhe custou pouco, andando o Padre pelo sertão, subindo e descendo serras, comendo o que lhe davam, na esperança de serenar o ambiente.** Em documento público, atestava Mascarenhas Homem que os Jesuítas haviam palmilhado cinquenta léguas pelo interior, entrando em vinte e cinco aldeias bárbaras. [...] O sonho do Padre Francisco Pinto, sacrificado pelos Tocarijús em Ibiapaba, era uma “residência” jesuítica no Rio Grande do Norte. Mas o Padre Pero de Toledo, Reitor do Colégio de Pernambuco, contrariava, opinando que a casa se abriria se El-Rei a sustentasse. [...] E o Padre Gaspar de Samperes, construtor da Fortaleza e possivelmente quem escolheu o lugar para a fundação da Cidade do Natal? Sei apenas que a 24 de setembro de 1616 estava em Natal, dizendo aqui ‘residir’. Depois, infelizmente, perdi-o de vista e notícia....¹⁰¹ (grifo nosso).

100 CASCUDO, Luís da Câmara. Padre Gaspar de Samperes e outros temas jesuítas. **A República**, Natal, RN, 20 jul.1940. Acta Diurna, p. 01.

101 CASCUDO, Luís da Câmara. Padre Gaspar de Samperes e outros temas jesuítas. **A República**, Natal, RN, 20 jul.1940. Acta Diurna, p. 01.

Da *Acta* em questão, depreende-se que as cartas escritas pelos jesuítas que atuaram na Capitania do Rio Grande foram a fonte primordialmente utilizada por Serafim Leite, e que as informações por elas trazidas são utilizadas [e reproduzidas] – sem qualquer questionamento – por Cascudo: “O Provincial dos Jesuítas Padre Pero Rodrigues, em carta de 19 de dezembro de 1599, aclara uma passagem escura, escrevendo que ‘*E vindo-se o dito capitão para a Vila de Pernambuco, pediu aos ditos Padres quizessem ficar, como ficaram, assistindo na Fortaleza do Rio Grande*’. Da Fortaleza seguiram para Cupaóba e vararam o deserto, em catequese”¹⁰².

Na sequência, e perseguindo o mesmo objetivo, dedicamo-nos à análise do capítulo primeiro de seu livro *História do Rio Grande do Norte*¹⁰³, concentrando nossa atenção – como vimos fazendo até o momento – nas referências feitas pelo historiador potiguar aos missionários jesuítas. Em várias passagens do livro, encontramos o jesuíta associado à catequese, pacificação, salvação, conversão, colonização e conquista, e a algumas características, tais como a de ter sido um pregador paciente e tenaz. Já os índios aparecem descritos como insubmissos, indomáveis e selvagens.

No item IV, intitulado **A Expedição Colonizadora de Mascarenhas Homem. Construção do Forte dos Reis Magos**, o jesuíta é, mais uma vez, apresentado como alguém dotado de formação qualificada, o que teria sido fundamental para o êxito da conquista do território: “a planta (**do Forte**) é do Pe. Gaspar de Samperes que fora mestre nas traças de engenharia na Espanha e Flandres antes de entrar para a Companhia de Jesus”¹⁰⁴ (grifo nosso).

Em **Pazes com os indígenas**, no item V, Cascudo enfatiza a habilidade dos missionários no trato com os índios, e a importância de sua “pacificação” – a quebra da resistência – para a execução do projeto colonial na região:

Era indispensável a **pacificação** da massa indígena, insubmissa, reatacando sempre, transformando a vida dos brancos num estado permanente de inquietação bravia e áspera. É missão dos jesuítas, dos missionários. Gaspar de Samperes, Francisco Pinto, Francisco de Lemos **fazem milagres de persuasão**, com as forças irresistíveis da **paciência e da tenacidade em Serviço da Fé**¹⁰⁵ (grifo nosso).

Em uma das passagens de *História do Rio Grande do Norte*, Cascudo, não apenas nos revela quais foram os autores que

102 Ibid., p. 01.

103 Para tanto, nos valeremos da segunda edição da obra, datada de 1984.

104 CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984, p. 24.

105 Ibid., p. 26.

consultou para a elaboração do livro, como identifica uma divergência de informações, sem, no entanto, posicionar-se sobre as duas visões:

[...] Não somente a indiada que residia às margens do Rio Potengi, chefiada pelo tuixaua Potiguaçu, o Camarão Grande, mas as aldeias distantes na serra paraibana da Capaoba (Serra da Raiz), com os chefes Mar Grande, o valoroso Pau Seco (Ibiratinin), o mais atacado mentor indígena, foram visitadas e o padre Francisco Pinto (segundo a <carta> de Pero Rodrigues, **divulgada pelo Pe. Serafim Leite, S.J.**) ou Gaspar de Samperes (**segundo Frei Vicente do Salvador**) conseguiu perfeita harmonização¹⁰⁶ (grifo nosso).

A menção explícita a Frei Vicente do Salvador¹⁰⁷ e a Serafim Leite é confirmada pela presença dos dois historiadores nas referências bibliográficas, tanto do livro quanto do artigo já analisado, e que incluem, também, o livro de Henry Koster¹⁰⁸, de significativa importância para a trajetória do intelectual potiguar¹⁰⁹.

Pudemos constatar que, ao tratar da atuação dos missionários no Rio Grande do Norte, Cascudo se aproxima, efetivamente, da posição do historiador jesuíta Serafim Leite, para quem os padres, além de atuarem como “redentores” dos “sem alma”, foram os responsáveis pela consolidação da conquista e pela colonização: “[...] os resultados da catequese jesuítica em Serra do Copaoba foram definitivos para a colonização. Copaoba vale lperoiro para o Rio Grande do Norte”¹¹⁰.

106 Ibid., p. 26.

107 Frei Vicente, ou Vicente Rodrigues Palha, nasceu em Matuim, Bahia, em 1564. A sua obra *História do Brasil* é de 1627, tendo permanecido inédita até 1888

108 Henry Koster era filho de ingleses; nasceu em Portugal e viveu em Pernambuco durante 16 anos. Sua obra *Viagens ao Nordeste do Brasil* foi publicada em Londres, no ano de 1816, tendo alcançado grande sucesso, o que pode ser constatado nas sucessivas reedições e publicações em outros países. No Brasil foi publicado em 1898. Em razão disso, tornou-se, fonte de consulta e citação obrigatória para todos que escreveram sobre o Brasil, a partir de então. No século XX, a obra ganhou uma especial tradução, feita por Luís da Câmara Cascudo. Além de traduzir, Cascudo prefaciou e acrescentou notas e comentários à edição.

109 Cascudo deve ter se utilizado dessas fontes para conferir maior credibilidade às informações que seus livros traziam. Vale lembrar que a operação historiográfica, como afirma Certeau, “é animada por um desejo de verdade, produzindo resultados de verossimilhança e credibilidade através de um discurso que se legitima pela autoridade da fala, pela lógica da argumentação e da retórica e pelas evidências de pesquisa, com as citações, as notas de rodapé, a bibliografia e o arrolamento de fontes, a desafiar o leitor ainda incrédulo a refazer o mesmo caminho percorrido pelo historiador”. PESAVENTO, Sandra J. **Palavras para crer**: imaginários de sentido que falam do passado. Paris: CERMA/EHESS, 2006. *História Cultural do Brasil* (Dossier coordenado por Sandra Jahay Pesavento 28.01.06). Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

110 CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984, p. 26.

No livro *História do Rio Grande do Norte*, o capítulo IX foi inteiramente dedicado à História da Igreja no Rio Grande do Norte, tema que foi desenvolvido a partir dos seguintes tópicos: (I) – Início histórico. As três Dioceses. (II) Aldeias e Missionários. (III) As Paróquias vivas. (IV) Religiões acatólicas. Nele encontramos mais evidências da visão que tem o autor sobre a atuação dos missionários jesuítas, apresentando-os como os “responsáveis” mais diretos pelo sucesso da conquista:

Na conquista do Rio Grande do Norte os serviços da assistência religiosa estavam confiados aos jesuítas Gaspar de Samperes e Francisco de Lemos [...] e ficaram os jesuítas Samperes e Lemos na luta da catequese, reunindo-se-lhes o Pe. Francisco Pinto, jesuíta que se popularizou entre a indiada que o chamava de Pai Pinto e o apelidaram “Amanaiara”, senhor da chuva, porque o supunham dispor dos elementos naturais.¹¹¹

Para confirmar a presença inequívoca desses missionários na Capitania do Rio Grande, Cascudo dedicou-se a desvendar a origem da expressão *Curral dos padres*¹¹²: “Há no município de Angicos um topônimo que possivelmente identifique o local. Dizem *Curral dos Padres*. Curral é sinônimo do que dizemos hoje fazenda, criação de gado. Padres é quase o mesmo que jesuíta porque os demais missionários eram frades”¹¹³. Para legitimar as informações e conferir credibilidade a seu trabalho, Cascudo, mais uma vez, recorre à obra do padre e historiador Serafim Leite¹¹⁴, como se constata nesta passagem: “Serafim Leite S. J. mostrou que os Jesuítas pastoreavam o rebanho antes e depois da criação da freguesia, em data ignorada até hoje. Padre Gaspar de Samperes esteve (sic) quase sempre em Natal e temos sua presença nos anos de 1606 e 1616. É o autor da planta do Forte dos Reis Magos”¹¹⁵.

As inúmeras referências que Cascudo faz à Companhia de Jesus não apenas reforçam a visão elogiosa que a historiografia clássica brasileira já havia se encarregado de difundir, como inserem a Ordem e seus missionários na História oficial do Rio

111 Ibid., p. 237.

112 Na Acta Diurna, publicada no jornal A República em 12 de outubro de 1945, sob o título *Curral dos Padres*, Cascudo revela ter se dedicado a descobrir a origem do local e a quem pertencia. Ao fim da breve Acta, Cascudo assinalou que: “Curral dos Padres, até prova em contrário, é um vestígio de aldeia jesuítica, ainda não registrada pelos nossos historiadores, vivendo, normal e prolifera, nos princípios do século XVIII”. CASCUDO, Luís da Câmara. *Curral dos Padres* (identificação de um topônimo). In: _____. **O Livro das velhas figuras: (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte)**. Natal, RN: EDUFRN, 2002. v. 8, p. 119.

113 CASCUDO, op. cit., p. 241.

114 LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5.

115 CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984, p. 237.

Grande do Norte, atribuindo-lhes o papel de “fundadores da civilização nas terras potiguares”: “Os jesuítas tinham S. Miguel de Guagiru (a futura Estremoz) e S. João Batista de Goaráiras que depois seria a Vila de Arez. [...] Os missionários empregados eram dedicados e tenazes”.¹¹⁶

Ao escrever sobre os missionários jesuítas, as primeiras igrejas do Estado, a importante função moralizadora desempenhada pela Igreja Católica, as manifestações de religiosidade popular ou sobre as expressões tão particulares de sua fé, Luís da Câmara Cascudo conseguiu – como demonstramos nesse artigo – conciliar o *homem de letras*, prestigiado pelo poder público, pelos seus pares intelectuais e confrades de Instituto Histórico e, ainda, pela Igreja Católica, com o *homem de fé*, que não deixou de expressar sua religiosidade ao longo de sua vida.

Após sua morte, esse *homem de letras* seria conduzido – simbolicamente – da *rede*, na qual, muitas vezes, podia ser encontrado escrevendo ou lendo, ao *altar*, tanto pelos contadores de histórias que o transformaram em seu santo padroeiro – São Cascudo – quanto pelos adeptos da *casculolatria*, que reverenciavam o Cascudo historiador, tomando-o como referência obrigatória da e para a história potiguar até os dias de hoje.

Considerações finais

Câmara Cascudo foi – e continua sendo – cultuado como um dos historiadores mais importantes para a história do estado do Rio Grande do Norte. Ele mesmo empenhou-se em definir como queria ser lembrado, legando para o Rio Grande do Norte uma imagem que segue sendo cultuada até os dias de hoje na mais antiga instituição cultural do Estado, a “Casa da Memória”, termo por ele empregado ao se referir ao IHGRN. Ao ser perguntado sobre se temia a morte, Cascudo teria afirmado: “eu não tenho tempo para olhar a morte, a miséria, o desespero, a angústia [...]”¹¹⁷. Esta forma de pensar – que traduz como Cascudo encarava a vida – fez com que muitos de seus “discípulos” passassem não apenas a cultuá-lo, mas defendessem o seu “encantamento”.

Para o historiador Marcos Silva, há, inegavelmente, uma “*casculologia*” e uma “*casculolatria*”, decorrentes do culto à pessoa e à obra de Câmara Cascudo. Isto fica evidente na postura assumida pelos letrados que integram e integraram o IHGRN, para quem “*a identidade potiguar de Cascudo é a joia mais pre-*

116 *Ibid.*, p. 238.

117 Última entrevista concedida por Cascudo ao jornalista Osair Vasconcelos e publicada no jornal *Diário de Natal* em 11 de junho de 1986 apud SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 6, 03 fev. 1999. DN-educação, p. 114. Projeto Ler.

ciosa que Natal possuiu e possui. Segundo este mesmo autor, Câmara Cascudo “experimentou, ainda em vida, processo de monumentalização em Natal, de nome de rua, prêmio cultural, Biblioteca e Museu de Antropologia; e a transformação de sua casa em referência turístico-cultural da cidade e a construção de Memorial após seu falecimento”¹¹⁸.

Também a imprensa de Natal o aclamou como o “padroeiro literário” da Cidade, como se pode constatar nessa homenagem que lhe foi prestada pelo jornal *A República*, por ocasião do seu aniversário de oitenta e seis anos:

Escolhida por Nossa Senhora da Apresentação para protegê-la com seu manto, a Cidade do Natal terminou ganhando também um padroeiro. Um santo padroeiro que nasceu na Rua das Virgens e, graças a Deus, ainda vive lúcido e saudável, mostrando às novas gerações, com seu exemplo, que o bem querer à cidade pode se transformar numa obra universal. Ao completar 86 anos Luís da Câmara Cascudo vê a sua festa de aniversário se transformar na festa do padroeiro literário da Cidade do Natal. Festa que esperamos continuar comemorando ainda por muitos e muitos anos. Ao lado do homenageado.¹¹⁹

Movido por razões de fé ou pelo sentimento, Cascudo agiu da forma mais espontânea possível, quando se tratava de expressar suas opiniões e, de uma forma mais intencional, ao controlar o processo de construção de uma memória sobre si mesmo. Num trecho extraído de uma entrevista que ele concedeu, encontramos muito presentes os elementos da construção do “São Cascudo”, do padrinho dos contadores de história e patrono da cultura popular:

Eu não sei porque fui para isto, só posso afirmar agora, sessenta anos depois, que não estou arrependido e continuarei, porque a cultura popular vive em mim, e agora que não posso ser mais, surdo, vendo o povo, andando com relativa dificuldade, já não posso ser o etnógrafo de campo, de ruas, de praças, de viagens, sou o memorialista, o homem que trabalha nas suas reminiscências, comparando-as com a reminiscência erudita, da etnografia latina, grega, bizantina, francesa, europeia ou asiática, indo até o paleolítico.¹²⁰

Pudemos constatar que, muito recentemente, ocorreram atualizações desse *culto a Cascudo* referido pelo historiador Marcos Silva. A primeira celebrou o intelectual como “São Cas-

118 SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva; FFLCH/USP, FAPESP; Natal, RN: EDUFRN; Fundação José Augusto, 2003. p. xvi.

119 FESTA do Padroeiro. **A República**, Natal, RN, 30 dez. 1984.

120 LYRA, Carlos. Cascudo as razões de minha preferência. **Revista Século** – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 2, n. 3, p. 59, 1998. Entrevista concedida ao autor em: 19/08/1976.

*cudo*¹²¹ – como santo padroeiro da tradição oral brasileira – através de eleição realizada em agosto de 2007, durante o Simpósio Internacional dos Contadores de História¹²². E a segunda, a que transformou Cascudo em enredo de escola de samba de São Paulo¹²³, por ocasião do carnaval de 2008. Estas duas “novas funções” por ele exercidas reforçam a percepção de que Cascudo tornou-se uma “marca”, um “símbolo” do que ele próprio denominou *cultura popular*. Neste sentido, merece destaque, também, o lançamento de um vinho em homenagem a Cascudo – o **Grande Reserva 2001 – Câmara Cascudo** – que ocorreu em Natal, em 30 de dezembro de 2008¹²⁴, e que parece atestar o uso de novas estratégias para a perpetuação de uma memória sobre Cascudo no Estado potiguar.

Ao nos debruçarmos sobre o *homem de fé*, também não descuidamos de relacionar a posição social e política ocupada por Cascudo – em especial, a sua formação católica, as estreitas

121 Apropriamo-nos da expressão “São Cascudo” que foi criada e difundida pelo Instituto Cultural Aletria. A expressão nos remete ao “culto” a Cascudo existente até os dias de hoje e a uma possível semelhança com o culto a “São Nabuco” que decorre de uma espécie de canonização de Joaquim Nabuco pela historiografia nacional. Para conhecer mais sobre esta interessante abordagem sobre Joaquim Nabuco, ver AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Quem Precisa de São Nabuco? **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, ano 23, n. 1, p. 85-97, 2001.

122 “Os contadores de histórias precisavam de um padroeiro. Eis que o Instituto Cultural Aletria elegeu o historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo como protetor da tradição. A oração de “São Cascudo” faz referências ao mundo das histórias que ele, em vida, tão bem valorizou. Escreveu mais de 150 livros sobre a cultura brasileira, entre eles o clássico *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Durante mais de cinquenta anos, Câmara Cascudo foi professor na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Era o único estudioso de sua especialidade que tinha uma visão verdadeiramente nacional do folclore brasileiro. O lançamento de “São Cascudo” ocorreu no Simpósio Internacional de Contadores de Histórias, realizado no Rio de Janeiro, de 23 a 26 de agosto de 2007”. CASCUDO, Daliana. **Instituto Câmara Cascudo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna_21_pa@yahoo.com.br> em 9 set. 2007. Ver anexo D (Santinho da Oração de São Cascudo).

123 “Não satisfeito de ser SANTO, Câmara Cascudo foi enredo de escola da Escola de Samba NENÉ DE VILA MATILDE, no carnaval de São Paulo, em 2008. O tema foi UM VÔO DA ÁGUIA COMO NUNCA SE VIU TAMBÉM SOMOS FOLCLORE DO NOSSO BRASIL 110 ANOS APRENDENDO COM CÂMARA CASCUDO”. CASCUDO, Daliana. **Instituto Câmara Cascudo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna_21_pa@yahoo.com.br> em 4 out. 2007. Ver anexo D (Letra da composição do samba enredo).

124 O lançamento resultou de uma parceria entre a Garrafeira Lusa, o Instituto Câmara Cascudo e a Quinta do Portal (Porto, Portugal). A edição foi limitada a duas mil garrafas, tendo sido acompanhada de um livreto numerado com textos de Cascudo organizados por sua filha Anna Maria e com uma pequena biografia do homenageado. O rótulo traz uma caricatura de Cascudo feita pelo angolano Albano Neves de Souza. Informação Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/novoblog/page/2/>>. Acesso em: 31 jan. 2009. Ver anexo D (foto do convite do lançamento do vinho).

relações que manteve com autoridades eclesiásticas num determinado período e as inúmeras demonstrações públicas de *fé de carvoeiro* – com as marcas desse catolicismo e dessa fé na sua produção intelectual. Ao analisarmos as suas memórias e as entrevistas que concedeu, constatamos que Cascudo fazia questão de deixar claro os quão firmes e sinceros eram os seus sentimentos religiosos, como se constata nessa passagem: “[...] Foram os motivos de minha vida expostos em todos os livros. Em outubro de 1968 terei meio século nessa obstinação sentimental. Devoção aos mesmos santos tradicionais”¹²⁵. Cabe destacar que ao optarmos por analisá-lo nessa perspectiva, tomamos contato com uma temática que vem sendo pouco explorada pelos pesquisadores potiguares – e que se revelou para mim, absolutamente desafiadora e apaixonante –, que é a que contempla aspectos da História da Igreja no Rio Grande do Norte.

Referências bibliográficas

ATA da sessão solene comemorativa do quarto centenário da Fundação da Companhia de Jesus, do dia 27 de setembro de 1940. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 32-37, p. 178-179, 1935-1940.

AZZI, Riolando. *A neocrisandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994. (História do pensamento católico no Brasil, v. 5).

BRUNEAU, Thomas. *O Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.

CASCUDO sepultado com honras de Estado. *Tribuna do Norte*, Natal, RN, 01 ago. 1986. Cidade, p.05.

CASCUDO, Luís da Câmara. Aldeias dos jesuítas no Rio Grande do Norte. *A Ordem*, Natal, RN, p. 06, 14 ago. 1938.

_____. As grandes festas de hoje em Estremoz: Uma povoação que é uma relíquia histórica. *A Ordem*, Natal, RN, p. 01, 14 ago. 1938.

_____. Pela Capela de Cunhaú. *Diário de Natal*, Natal, RN, 03 dez. 1949. Acta Diurna. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

_____. A mais antiga Igreja do Seridó. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte: 1951-1952*, Natal, RN, v. 48-49, p. 187-193, 1952.

_____. *Paróquias do Rio Grande do Norte*. Natal, RN: Departamento de Imprensa, 1955. Plaquete.

_____. *Notas para a História da Paróquia de Nova Cruz*. Natal, RN: Arquidiocese de Natal, 1955. Plaquete.

_____. Um Provinciano Incurável. *Revista Província*, Natal, RN, n. 2, p. 05-06, 1968.

125 CASCUDO, Luís da Câmara. Um Provinciano Incurável. *Revista Província*, Natal, RN, n. 2, p. 5, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

_____. *Religião no povo*. João Pessoa, PB: Imprensa Universitária, UFPB, 1974.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984.

_____. Padre Gaspar de Samperes e outros temas jesuíticos. *A República*, Natal, RN, 20 jul.1940. Acta Diurna, p. 01.

_____. Os jesuítas no Rio Grande do Norte. *Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, ano 3, v. 5, n. 13-14, p. 199-208, jul./out. 1940.

_____. Curral dos Padres (identificação de um topônimo). In: _____. *O Livro das velhas figuras: (pesquisas e lembranças do Rio Grande do Norte)*. Natal, RN: EDUFRN, 2002. v. 8.

DIEHL, Astor Antônio. *A Cultura Historiográfica Brasileira: do IHGB aos anos 1930*. Passo Fundo, RS: EDIUPF, 1998.

FERRARI, Alceu. *Igreja e desenvolvimento: o movimento de Natal*. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1968.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5.

LIMA, Bruna Rafaela de. *A atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande na visão de Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo*. 2006. 69 f. Monografia (Graduação em História) — Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

LOPES, Fátima Martins. *Em nome da liberdade: as vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII*. 2005. 701 f. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

MELO, Paulo Herôncio de. Os jesuítas nas primeiras horas da colonização da Capitania. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, RN, v. 50, p. 41-52, 1953.

MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à História do Rio Grande do Norte*. 3. ed. rev. Natal, RN: Cooperativa Cultural, 2007.

MOURA, Carlos André Silva de. A Revista A Ordem e o discurso recatolizador em Pernambuco (1930-1937). In: SEMINÁRIO NACIONAL PODERES E SOCIABILIDADE NA HISTÓRIA, 1., 2008, Recife. *Anais...* Recife, PE: Editora da UFPE, 2008. v. 1, p. 2. 1 CD-ROM.

NEVES, Margarida de Souza. *Roteiros para descobrir a alma do Brasil: uma leitura de Luís da Câmara Cascudo*. 2000. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008. Relatório parcial de pesquisa CNPq.

PETROVICH, Enélio Lima. Câmara Cascudo – Imortal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, RN, v. 77-78, p. 172-181, 1985-1986.

PESAVENTO, Sandra J. *Palavras para crer: imaginários de sentido que falam do passado*. Paris: CERMA/EHESS, 2006. História Cultural do Brasil (Dossier coordenado por Sandra Jatahy Pesavento 28.01.06). Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

VIEIRA, Primo. (Monsenhor). Câmara Cascudo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, RN, v. 71-72, p. 65-67, 1979-1980.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro.
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Kruschke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay - Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airon Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho.
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (ant)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado mineiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu.
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud

- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Élda Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring
- N. 53 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 54 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 55 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 56 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 57 *O decrescimento como condição de uma sociedade convívial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 58 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 59 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 60 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 61 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 62 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Verissimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 63 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 64 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Addressa da Silva
- N. 65 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 66 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 67 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 68 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 69 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 70 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 71 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 72 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 73 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 74 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 75 *Raça, nação e classe na historiografia de Moisés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 76 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 77 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 78 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 79 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 80 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 81 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 82 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 83 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a idéia de “sindicalismo populista” em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 84 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton & Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 85 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 86 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 87 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 88 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 89 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 90 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 91 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Prenebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha



Bruna Rafaela de Lima, norte-rio-grandense, nasceu em Natal. Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em História pela UNISINOS, com área de concentração em Estudos Históricos Latino-americanos, e ligada à Linha de Pesquisa Populações Indígenas e Missões Religiosas na América Latina. Atua principalmente nos seguintes temas: Memória, Historiografia Norte-Rio-Grandense, Missões Religiosas, Populações Indígenas, Luís da

Câmara Cascudo, Jesuítas, História da Igreja no Rio Grande do Norte, Religiosidade popular, Diversidade Cultural, História e Cultura Afro-brasileira e Instituto Histórico e Geográfico.

Algumas publicações da autora:

LIMA, Bruna Rafaela de. *A atuação da Companhia de Jesus no Rio Grande do Norte sob o olhar de Câmara Cascudo no jornal A Ordem (1935 a 1967)*. In: IX Encontro Estadual de História – Seção RS – Vestígios do Passado: a história e suas fontes, 2008, Porto Alegre. Anais do IX Encontro Estadual de História Seção RS - Vestígios do Passado: a história e suas fontes, 14 a 18 de julho de 2008. Porto Alegre: Anpuh/RS, 2008. v. 1. p. 1-10.

LIMA, Bruna Rafaela de. *A Memória e Narração de Câmara Cascudo sobre os Jesuítas no Rio Grande do Norte Colonial*. In: 3º Encontro Cultura e Memória: cultura e sentimento, 2007, Recife. Anais do III ENCONTRO CULTURA & MEMÓRIA – HISTÓRIA: CULTURA E SENTIMENTO. Recife: Editora da UFPE, 2007. p. 1-07.

LIMA, Bruna Rafaela de. *Os Jesuítas no processo de conquista da capitania do Rio Grande – Os olhares de Tavares De Lira e Câmara Cascudo*. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH – História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 2007, São Leopoldo – RS.

LIMA, Bruna Rafaela de. *A historiografia do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte acerca dos jesuítas na Capitania do Rio Grande*. In: II encontro da ANPUH Regional do Rio Grande do Norte, 2006, Caicó. Anais Do II encontro da ANPUH regional do RN, 2006.

LIMA, Bruna Rafaela de. *Os jesuítas nas histórias do IHGRN na ótica de Tavares de Lira e Câmara Cascudo*. In: XII Encontro Estadual de Professores de História, 2006, Cajazeiras – PB. XII Encontro Estadual de Professores de História: história e multidisciplinaridades: fronteiras e deslocamentos.

-
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques & Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral & Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan